

ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
ESCOLA MARECHAL CASTELLO BRANCO

Maj Inf **TIAGO MAGALHÃES FRANÇA SILVA**

A liderança de Caxias na Guerra do Paraguai, sob o enfoque dos fatores de liderança militar, e a influência da mesma na sequência deste conflito



Rio de Janeiro
2020

Maj Inf **TIAGO MAGALHÃES FRANÇA SILVA**

A liderança de Caxias na Guerra do Paraguai, sob o enfoque dos fatores de liderança militar, e a influência da mesma na sequência deste conflito

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa Nacional.

Orientador: Maj Art Marcelus Armindo Ribeiro Nogueira

Rio de Janeiro
2020

S586l Silva, Tiago Magalhães França

A liderança de Caxias na Guerra do Paraguai, sob o enfoque dos fatores de liderança militar, e a influência da mesma na sequência deste conflito. / Tiago Magalhães França Silva. —2020.

58 f. : il. ; 30 cm.

Orientação: Marcelus Armindo Ribeiro Nogueira.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares)—Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2020.

Bibliografia: f. 57-58

1. LIDERANÇA MILITAR. 2. GUERRA DO PARAGUAI. 3. TRÍPLICE ALIANÇA. 4. DUQUE DE CAXIAS. I. Título.

CDD 355.1

Maj Inf **TIAGO MAGALHÃES FRANÇA SILVA**

A liderança de Caxias na Guerra do Paraguai, sob o enfoque dos fatores de liderança militar, e a influência da mesma na sequência deste conflito

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa Nacional.

Aprovado em 5 de outubro de 2020.

COMISSÃO AVALIADORA

Marcelus Armindo Ribeiro Nogueira – Maj Art - Presidente
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

Marcos Luiz da Silva Del Duca - TC Inf - Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

André Costa Campelo - TC Inf - Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

À minha esposa pelo constante incentivo, às minhas filhas pela inspiração e aos meus pais pelos exemplos de dedicação ao trabalho e à família.

“O comando de um exército, bem disse Desaix, o herói de Marengo, é o que há de mais difícil sobre a terra, é a função que exige maior capacidade.” (CERQUEIRA, 1980, p. 60).

RESUMO

Este trabalho trata de uma pesquisa bibliográfica com a finalidade de estudar as influências da liderança militar de Caxias para a vitória da Tríplice Aliança na Guerra do Paraguai. A liderança militar é definida como a influência da relação interpessoal entre o líder e os liderados em favor de um objetivo de sua organização militar. Antes da chegada de Caxias ao Paraguai, muitos problemas de liderança militar, principalmente entre Bartolomeu Mitre e os comandantes brasileiros, afetaram negativamente os resultados obtidos pelos aliados. Durante a participação direta de Luís Alves de Lima e Silva naquele conflito, no entanto, foi identificada a aplicação muitos conceitos sobre o tema que ainda são considerados atuais. Caxias soube utilizar os fatores líder, liderados, interação entre líder e liderados e situação a seu favor e, assim, logrou reverter situações adversas como na Batalha de Humaitá e na de Itororó, liderando as tropas da Tríplice Aliança até a submissão de Assunção, capital paraguaia.

Palavras-chave: Guerra do Paraguai; Tríplice Aliança; liderança militar; Duque de Caxias

ABSTRACT

This work deals with a bibliographic research to studying influences of the military leadership of Caxias in the victory of the Triple Alliance in the Paraguayan War. Military leadership has been defined as influence of interpersonal relationship between leader and followers in favor of an objective of their military unit. Before Caxias arrived in Paraguay, many military leadership's problems, especially between Bartolomeu Mitre and Brazilian commanders, negatively affected the results obtained by the allies. During the direct participation of Luís Alves de Lima e Silva in that conflict, however, the application of many concepts on the topic that are still considered current has been identified. The Marquis knew how to use the factors leader, followers, interaction between leader and followers and situation in his favor. Thus, he managed to reverse adverse situations such as the Battles of Humaitá and Itororó, leading the troops of the Triple Alliance until the submission of Asunción, Paraguayan capital.

Keywords: Paraguayan War; Triple Alliance; Duke of Caxias

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Área da Guerra do Paraguai.....	12
Figura 2 - Bartolomeu Mitre.....	25
Figura 3 - Luís Alves de Lima e Silva.....	39
Figura 4 - Croqui da Manobra do Piquissiri e da Dezembrada.....	51

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1 CRONOLOGIA DA GUERRA DO PARAGUAI.....	11
1.2 PROBLEMA.....	14
1.3 OBJETIVOS.....	14
1.4 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO.....	15
1.5 RELEVÂNCIA DO ESTUDO.....	15
2. METODOLOGIA	17
2.1 TIPO DE PESQUISA.....	17
2.2 UNIVERSO E AMOSTRA.....	17
2.3 COLETA DE DADOS.....	17
2.4 TRATAMENTO DOS DADOS.....	18
2.5 LIMITAÇÕES DO MÉTODO.....	18
3. FATORES DE LIDERANÇA MILITAR	19
3.1 O LÍDER.....	19
3.2 OS LIDERADOS.....	20
3.3 A INTERAÇÃO ENTRE LÍDER E LIDERADOS.....	21
3.4 A SITUAÇÃO.....	22
4. PRINCIPAIS PROBLEMAS DE LIDERANÇA MILITAR IDENTIFICADOS NA 1ª FASE	24
4.1 FATOR LÍDER.....	24
4.2 FATOR LIDERADOS.....	25
4.3 FATOR INTERAÇÃO ENTRE LÍDER E LIDERADOS.....	30
4.4 FATOR SITUAÇÃO.....	34
5. A ATUAÇÃO DE CAXIAS NA GUERRA DO PARAGUAI SOB O ENFOQUE DOS FATORES DE LIDERANÇA MILITAR	37
5.1 FATOR LÍDER.....	37
5.2 FATOR LIDERADOS.....	39
5.3 FATOR INTERAÇÃO ENTRE LÍDER E LIDERADOS.....	43
5.4 FATOR SITUAÇÃO.....	47
6. RELAÇÕES ENTRE A LIDERANÇA MILITAR DE CAXIAS E OS PRINCIPAIS RESULTADOS ALCANÇADOS PELAS TROPAS DA TRÍPLICE	

ALIANÇA.....	52
7. CONCLUSÃO.....	55
REFERÊNCIAS.....	57

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho abordará as influências da liderança militar de Caxias para a vitória da Tríplice Aliança na Guerra do Paraguai.

A liderança militar é um fenômeno de interesse e objeto de estudo do Exército Brasileiro, definida por Brasil (2011, p. 3-3) como a influência da relação interpessoal entre o líder e os liderados em favor de um objetivo de sua organização militar. Atualmente, o Manual de Liderança Militar (C 20-10) é a referência sobre o assunto no âmbito da força.

A Guerra do Paraguai, por sua vez, também é conhecida como Guerra da Tríplice Aliança e ocorreu na América do Sul, entre dezembro 1864 e março de 1870, segundo Doratioto (2002, p.15). Foi um conflito longo, com mais de 5 anos de duração.

Os contendores dessa guerra foram o Paraguai, sob a chefia de Solano López, e a Tríplice Aliança, composta por Brasil, Argentina e Uruguai. Segundo Donato (2011 apud Fagundes, 2019, p.15), foi a maior luta armada do subcontinente sul-americano, o que confere grande importância à sua história.

Lima (2016, p. 139 e 140) afirma que, após a intervenção do Brasil no Uruguai, Solano López invadiu o Mato Grosso e se dirigiu para uma invasão ao Rio Grande do Sul. Para tal, segundo o mesmo autor, desejava passar por território argentino, autorização que lhe foi negada e que o mesmo ignorou. Tal fato levou ao envolvimento da Argentina no conflito.

Após estes ataques iniciais, o Paraguai passou à defensiva e a guerra durou até a morte do Chefe de Estado paraguaio, em 1º de março de 1870, com a vitória dos aliados.

Verifica-se, assim, que houve 2 (duas) frentes na Guerra do Paraguai. Será chamada de Frente Sul a que englobou, principalmente, os embates no território argentino, no Rio Grande do Sul e na invasão do território paraguaio. A Frente Norte, por sua vez, será referente aos combates ocorridos na região do, então, Mato Grosso que, para Doratioto (2002, p.121) foi secundária e não influenciou no resultado do conflito.

Luís Alves de Lima e Silva, o então Marquês de Caxias, passou a participar diretamente do conflito em 1866 e assumiu a chefia das forças aliadas em 1867, em

um momento de estagnação. Manteve-se nesta função até 1869, após a conquista da capital paraguaia, Assunção.

Neste trabalho, a Guerra do Paraguai será dividida em 3 (três) espaços de tempo: a 1ª fase, que englobou o início do conflito até a assunção do comando das tropas brasileiras por Caxias; a 2ª fase, que se refere a todo o período em que este militar esteve presente na frente de batalha; e a 3ª fase, que teve início com a retirada de Luís Alves de Lima e Silva para Montevideu e término com a morte de Solano López. Será dada ênfase às duas primeiras fases.

1.1 CRONOLOGIA DA GUERRA DO PARAGUAI

Com base em G1 (2014, p.1) e em Lima (2016, p. 260), chegou-se a uma cronologia da Guerra do Paraguai (figura 1).

Figura 1- Mapa da Guerra do Paraguai



Fonte: Alves, 2020

1.1.1 Antecedentes

Mai de 1864 - Brasil envia representante ao Uruguai, que vivia uma guerra civil, para discutir as ameaças sofridas por cidadãos brasileiros em território uruguaio. Os brasileiros que tinham fazendas no interior reclamavam que sofriam assaltos violentos.

18 de junho de 1864 - Enviados do Brasil, Argentina e Inglaterra se reúnem para mediar o fim da guerra civil no Uruguai, com representantes tanto do governo oficial, de Atanásio Aguirre, quanto do chefe da rebelião, Venâncio Flores. Não há acordo e a guerra civil continua.

Agosto de 1864 - Governo brasileiro ameaça intervir militarmente no Uruguai, caso o governo não puna os responsáveis pela violência contra brasileiros no país. Em nota enviada a diplomatas brasileiros, governo do Paraguai protesta contra qualquer invasão do território do Uruguai.

30 agosto de 1864 – Uruguai rompe relações diplomáticas com o Brasil.

12 de outubro de 1864 - Brasil invade o Uruguai para empossar Venâncio Flores.

12 de novembro de 1864 - Em retaliação à invasão brasileira ao Uruguai, Paraguai apreende o vapor brasileiro Marquês de Olinda.

1.1.2 1ª Fase

13 de dezembro de 1864 - O líder paraguaio Solano López declara guerra ao Brasil. Início da guerra.

27 e 28 de dezembro de 1864 - Exército paraguaio ataca o forte Coimbra, na província de Mato Grosso.

Janeiro de 1865 - Exército paraguaio invade Corumbá, Miranda e Dourados, na província de Mato Grosso.

7 de janeiro de 1865 - Decreto nº 3.371, do Império do Brasil, cria os Corpos de Voluntários da Pátria.

21 de janeiro de 1865 - Decreto nº 3.383, do Império do Brasil, convoca a Guarda Nacional para se juntar ao Exército.

1º de maio de 1865 - Assinatura do Tratado da Tríplice Aliança por Brasil, Argentina e Uruguai.

Junho de 1865 - Exército paraguaio invade o Rio Grande do Sul.

11 de junho de 1865 - Batalha do Riachuelo, em que a Marinha paraguaia é derrotada pelas forças aliadas.

18 de agosto de 1865 - Soldados paraguaios em Uruguiana se rendem.

16 de abril de 1866 - Exército aliado cruza o rio Paraná e invade o Paraguai, onde inicia marcha rumo à fortaleza de Humaitá.

24 de maio de 1866 - Batalha de Tuiuti, que é considerada a mais importante e uma das mais sangrentas da guerra. Apesar das inúmeras mortes, os aliados venceram.

12 de setembro de 1866 - López pede encontro com Bartolomeu Mitre, governante da Argentina. Os dois se reúnem, mas não há acordo para o fim da guerra.

22 de setembro de 1866 - Exército da Tríplice Aliança ataca fortaleza de Curupaiti, mas é derrotado pelos paraguaios.

10 de outubro de 1866 – Designação de Caxias para o comando das tropas brasileiras.

1.1.3 2ª Fase

6 de novembro de 1866 - Decreto nº 3.725-A, do Império do Brasil, liberta escravos que servissem no exército contra o Paraguai.

18 de novembro de 1866 – Caxias assume o comando das tropas brasileiras

Fevereiro de 1867- Caxias assume o comando geral dos aliados.

Abril e maio de 1867 - Retirada da Laguna, ocorrida na frente norte.

Julho de 1867 - Tropas brasileiras partem em direção a Humaitá, para atacar a fortaleza.

15 de agosto de 1867 - Esquadra do governo imperial segue pelo rio Paraguai e ultrapassa a fortaleza de Curupaiti, mas não tenta passar por Humaitá. Permanece seis meses entre as duas fortalezas.

3 de março de 1868 – Solano López deixa a Fortaleza de Humaitá e estabelece o quartel-general em San Fernando, distante cerca de 10 quilômetros.

25 de julho de 1868 - Exército aliado toma a Fortaleza de Humaitá.

Dezembro de 1868 - Paraguaios são derrotados nas batalhas de Itororó, Avaí, e Lomas Valentinas, no que ficou conhecido por “Dezembrada”.

1º de janeiro de 1869 - Tropas brasileiras tomam Assunção.

Janeiro de 1869 – Após a tomada de Assunção, Caxias se retira para Montevidéu.

1.1.4 3ª Fase

5 de maio de 1869 - Fundação de Ibicuí, onde eram feitas as armas do exército paraguaio, é destruída.

16 de agosto de 1869 - Batalha de Acosta-Ñu.

1º de março de 1870 - Solano López é morto em Cerro Corá. O líder paraguaio foi ferido com um golpe de lança pelo brasileiro José Francisco Lacerda, o Chico Diabo, e foi atingido por um tiro de fuzil. A morte de López encerra a guerra.

1.2 PROBLEMA

Luís Alves de Lima e Silva assumiu o comando geral das tropas da Tríplice Aliança em um momento em que a guerra contra o Paraguai se encontrava estagnada. Sob a condução de Caxias, os aliados progrediram bastante no conflito, chegando à conquista da capital paraguaia, Assunção.

Diversos fatores contribuíram para o sucesso de Caxias na Guerra do Paraguai. O objeto de estudo desta pesquisa, no entanto, foi a liderança militar deste comandante durante o conflito e suas possíveis lições para a atualidade.

Assim, o presente trabalho de conclusão de curso foi desenvolvido em torno do seguinte problema: como a liderança militar de Caxias contribuiu para o resultado alcançado pelas tropas da Tríplice Aliança na Guerra do Paraguai?

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo geral

Apresentar a atuação de Caxias na Guerra do Paraguai, sob o enfoque dos fatores de liderança militar, e a influência da mesma na sequência deste conflito.

1.3.2 Objetivos específicos

- a) Apresentar os fatores de liderança militar.
- b) Identificar problemas de liderança militar anteriores ao comando de Caxias.
- c) Apresentar a atuação de Caxias na Guerra do Paraguai sob o enfoque dos fatores de liderança militar
- d) Identificar as relações entre a liderança militar de Caxias e os principais resultados alcançados pelas tropas da Tríplice Aliança.

1.4 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

O presente estudo esteve limitado aos fatores de liderança militar empregados por Caxias na Guerra do Paraguai que influenciaram na sequência do conflito. Desta forma, foi feito um estudo da participação direta deste militar nesta guerra, ocorrida somente na Frente Sul, identificando aspectos de liderança militar utilizados na literatura atual, principalmente nos manuais militares, que contribuíram para a vitória da Tríplice Aliança.

1.5 RELEVÂNCIA DO ESTUDO

A liderança militar, como fenômeno presente em todas as Forças Armadas, é um conceito estudado na formação e no aprimoramento de comandantes do Exército Brasileiro em todos os níveis. Os líderes, devido à confiança que a tropa deposita neles, devem ser capazes de levar a tropa, mesmo sob a pressão do risco de vida, a seguir as ordens emanadas.

A História Militar mostra que a liderança sempre foi o alicerce das tropas coesas, motivadas e aguerridas. Mostra, também, as dificuldades encontradas pelos comandantes na condução de seus soldados em combate. Nas situações de normalidade, quando o grupo militar e as pessoas que o integram não estão sob pressão, geralmente as ordens dos comandantes são cumpridas, sem vacilações. Já nos momentos de crise e, sobretudo, nas ações em combate, havendo risco de vida e penúrias de toda ordem, os indivíduos só obedecerão voluntariamente às ordens recebidas afiançados por seus comandantes. (BRASIL, 2011, p.1-2).

Os fatos históricos demonstram como a liderança foi aplicada em conflitos do passado e os resultados apresentados.

Quando se utiliza o exemplo de Luís Alves de Lima e Silva, o então Marquês de Caxias, Comandante Geral das tropas da Tríplice Aliança, temos a figura de um líder de grande reconhecimento e respeito, como pode ser verificado em Brasil (1961, p. 1), que homologa a instituição deste militar como Patrono do Exército Brasileiro. Caxias participou diretamente da vitória dos aliados na Guerra do Paraguai. Desta forma, a identificação de fatores de liderança militar nas ações de uma personalidade reconhecida e seus resultados práticos em um grande conflito nos levam a constatar lições importantes para aqueles militares que exercem funções de comando.

O presente trabalho buscou apresentar exemplos relevantes da liderança militar de Caxias para que estes sejam utilizados como referência no assessoramento aos comandantes de Grandes Comandos nos dias de hoje.

2. METODOLOGIA

2.1 TIPO DE PESQUISA

A presente pesquisa é qualitativa, uma vez que privilegiou a análise de documentos, livros, manuais e artigos.

Segundo os conceitos de Vergara (2009), essa pesquisa é, ainda, descritiva, explicativa, bibliográfica e *ex post facto*. Descritiva porque descreve os fatores de liderança militar. Explicativa porque visa esclarecer como a liderança militar de Caxias influenciou na Guerra do Paraguai. Bibliográfica porque teve sua fundamentação teórico-metodológica na investigação sobre assuntos de liderança militar e da atuação de Caxias no conflito baseada em livros, manuais e artigos de acesso livre ao público em geral, incluindo aqueles disponibilizados pela rede mundial de computadores. *Ex post facto* porque refere-se a um fato já ocorrido - a Guerra do Paraguai. Finalmente, ela é também histórica, pois realizou uma investigação crítica de fatos desta guerra.

2.2 UNIVERSO E AMOSTRA

Conforme os conceitos de Vergara (2009), o universo do presente estudo são as literaturas referentes à liderança militar e à Guerra do Paraguai. A amostra, por sua vez, é não probabilística, com base em manuais militares de liderança militar e em bibliografias que sejam voltadas à atuação da Tríplice Aliança no conflito. Utilizou-se, ainda, como amostra, literatura voltada à descrição do próprio Caxias.

2.3 COLETA DE DADOS

Segundo os conceitos do Departamento de Pesquisa e Pós-Graduação (2012), a coleta de dados do presente trabalho de conclusão de curso foi transversal e deu-se por meio da coleta na literatura.

Inicialmente, foram apresentados os fatores de liderança militar. Estes dados foram coletados, principalmente, em manuais militares sobre o assunto.

Em seguida, para identificar diversos problemas de liderança militar anteriores ao comando de Caxias e como o mesmo liderou as tropas da Tríplice Aliança na Guerra do Paraguai, foi feita uma pesquisa bibliográfica na literatura, inclusive em obras de autores que participaram do conflito, como Dionísio Cerqueira e Sena Madureira.

As conclusões decorrentes das pesquisas bibliográficas permitiram estabelecer como a liderança militar de Caxias contribuiu para o resultado alcançado pelas tropas da Tríplice Aliança na Guerra do Paraguai. Nesta oportunidade, foram levantadas as fundamentações teóricas para a comprovação ou não da hipótese levantada.

2.4 TRATAMENTO DOS DADOS

Conforme a concepção de Vergara (2009), o método de tratamento de dados que foi utilizado no presente estudo foi não estatístico. De modo mais específico, a técnica utilizada foi a análise de conteúdo, na qual foram realizados estudos de textos referentes ao tema do presente trabalho. A partir disto, obteve-se a fundamentação teórica para solucionar o problema apresentado.

2.5 LIMITAÇÕES DO MÉTODO

A metodologia em questão possui limitações, particularmente quanto à profundidade do estudo a ser realizado, pois não contempla, dentre outros aspectos, o estudo de campo. Como não foram verificadas lacunas no estudo das fontes secundárias para se atingir os objetivos propostos, a pesquisa teve como fonte primária somente 1 (um) documento.

3. FATORES DE LIDERANÇA MILITAR

A liderança militar é um fenômeno que ocorre no âmbito de forças militares em diversas situações. Atualmente, é desejado que um comandante, em qualquer nível, possua a condição de líder para conduzir sua tropa à consecução de um objetivo.

A liderança militar consiste em um processo de influência interpessoal do líder militar sobre seus liderados, na medida em que implica o estabelecimento de vínculos afetivos entre os indivíduos, de modo a favorecer o logro dos objetivos da organização militar em uma dada situação. (BRASIL, 2011, p.3-3).

Estados Unidos (2015, p. 1-3), por sua vez, versa que um líder do exército é o que inspira e influencia as pessoas para atingir objetivos de sua organização. Logo, verifica-se que existem conceitos similares de liderança militar entre os manuais norte-americano e brasileiro.

Existem diversas teorias relativas à liderança. No entanto, independentemente da concepção abordada, para Brasil (2011, p. 2-2), 4 (quatro) fatores sempre estarão presentes no fenômeno da liderança: o líder; os liderados; a interação entre líder e liderados; e a situação. Estes aspectos serão analisados durante este estudo.

3.1 O LÍDER

O líder militar, como já foi exposto, é aquele que consegue estabelecer vínculos afetivos com seus liderados e os influencia a convergir esforços para a consecução de um objetivo de sua organização militar. O comandante, para Brasil (2011, p. 6-1), é aquele que assume cargo militar de chefia ou direção. Verifica-se, assim, que são conceitos diferentes.

O comandante que conseguir desenvolver sua liderança sobre seus subordinados terá, além da autoridade do cargo e os meios administrativos, uma importante ferramenta para atingir os objetivos que lhe forem propostos. O militar em função de comando que não alcançar a condição de líder, provavelmente, terá mais dificuldades em conduzir seus comandados.

Valente (2007, p. 34) afirma que “há estudiosos que defendem que ser líder é desempenhar um papel social necessário à segurança psicológica do grupo”. Assim, o comportamento e as características do comandante são fundamentais para o desenvolvimento da liderança militar, pois este deve transmitir confiança.

Para Estados Unidos (2015, p. 1-4), o líder militar apresenta, dentre outras características, capacidade de inovação, empatia, disciplina, conhecimento técnico-militar, inteligência interpessoal, senso de justiça e autoconfiança. Brasil (2011, p. 5-2 a 5-7), por sua vez, versa que a coragem, a autoconfiança, a adaptabilidade, a criatividade, a organização e a empatia, dentre outros, são atributos do líder militar.

Ainda, segundo Estados Unidos (2015, p. 1-4), um líder militar deve ser capaz de liderar pelo exemplo, transmitir confiança, criar um ambiente positivo, integrar tarefas e melhorar performances, dentre outras ações.

Para muitos estudiosos, uma boa capacidade de comunicação interpessoal também é essencial ao líder.

A comunicação tem basicamente quatro funções na dinâmica dos grupos (Robbins, 2005): duas delas estão a serviço da unificação e integração do grupo em torno de suas tarefas e objetivos (Uris, 1969), essas são as funções de proporcionar informações necessárias para que os membros do grupo possam agir e tomar decisões dentro de suas esferas de atribuições (e.g. Kirsht et al., 1972; Bavelas, 1972 e Robbins, 2005) e controlar os comportamentos das pessoas no grupo, o que se pode dar mediante vários mecanismos, como os que ocorrem no âmbito das redes hierarquizadas (e.g. Kelley, 1972 e Marshall, 2003). As outras duas funções da comunicação têm como fim proporcionar um clima de bem estar ao grupo (Uris, 1969), facilitando o estabelecimento de bons relacionamentos e reduzindo as áreas de atrito social: são as funções de facilitar a motivação mediante o esclarecimento sobre a natureza das tarefas e dos objetivos grupais (e.g. Reis, 1969; Festinger e Aronson, 1972 e Raven e Rietsema, 1972) e proporcionar meios de expressão emocional de sentimentos e satisfação de necessidades sociais (e.g. Schachter, 1972; Festinger, 1972 e Sennett, 2001). (VALENTE, 2007, p. 35).

Assim, ao apresentar as características supracitadas, um comandante obtém um perfil favorável à liderança militar.

3.2 OS LIDERADOS

Os liderados, para um líder militar, são a tropa e os líderes intermediários que estarão sob seu comando. Um comandante deve conhecer as características, os anseios e, inclusive, as possíveis diferenças existentes entre os subgrupos do efetivo que pretende liderar.

Os **liderados** são o grupo sobre o qual o líder irá exercer a sua influência e com o qual irá interagir. O conhecimento dos liderados, por parte do líder, é fator primordial para o exercício da liderança e depende do entendimento claro da natureza humana, de suas necessidades, emoções e motivações. (BRASIL, 2011, p. 2-2).

Segundo Gardner (1996) apud Valente (2007, p. 34), “os grupos apresentam uma tendência natural a seguir um líder”. A questão é que não há garantias de que esta posição de liderança será atribuída ao comandante da tropa, o que, se não acontecer, pode gerar um conflito de interesses e a desunião dentro de um efetivo militar.

A Teoria de Atribuição de Liderança versa que a liderança será alcançada por aquele que se mostrar mais capaz de solucionar eficazmente os problemas enfrentados pelo grupo (BRASIL, 2011, p. 2-3). Este conceito está diretamente ligado à capacidade profissional de um comandante, dentre outras características, em uma situação de guerra e de risco de vida.

Brasil (2011, p. 2-3) afirma, ainda, que a aceitação do grupo a um líder militar se deve, dentre outros fatores, à representação do ideal dos liderados por parte deste. O comandante, assim, deve ser capaz de direcionar os anseios da tropa para o objetivo que lhe foi imposto.

3.3 A INTERAÇÃO ENTRE LÍDER E LIDERADOS

Segundo Brasil (2011, p. 2-2), a interação “é o processo pelo qual informações, ideias, pensamentos, sentimentos e emoções tramitam entre os membros do grupo, permitindo a inter-relação entre eles”.

Conforme Valente (2007, p. 24), “a natureza do vínculo afetivo estabelecido entre esses líderes e seus subordinados reforçava o sentimento de equipe e os laços de lealdade e autoridade”. O líder militar pode estabelecer os vínculos de liderança de forma direta ou indireta. Ambas são importantes e devem ser objeto da atenção de um comandante.

- a. Conforme apresentado no Artigo III do Capítulo 2 deste manual, verifica-se que a liderança é exercida, basicamente, de duas formas: a direta e a indireta.
- b. A liderança direta ocorre em situações em que o líder influencia diretamente os liderados, falando a eles com frequência e fornecendo exemplos pessoais daquilo que prega.
- c. Na liderança indireta, o líder exerce influência atuando por intermédio de outros líderes a ele subordinados, estabelecendo uma cadeia de lideranças que atinge todos os indivíduos do grupo. (BRASIL, 2011, p.6-4).

Assim, verifica-se que, quanto maior a estrutura organizacional da tropa que se vai comandar, mais relevante deve ser a liderança indireta. Um comandante de Grande Comando pode, ainda, aplicar a liderança direta quando em contato

imediatamente com seus subordinados dos diversos escalões. Tal recurso pode ser aplicado, inclusive, quando há falha na liderança nos comandos intermediários.

Grandes efetivos, no entanto, não permitem que o seu chefe se faça presente, ao mesmo tempo, em todas as frações. Tal constatação reforça a importância da liderança indireta e da confiança entre o comandante geral e os intermediários, que deve ser utilizada como ferramenta em um Grande Comando.

A forma indireta se expressará pela capacidade de influenciar, via cadeia de comando, o comportamento humano e de conduzir grandes efetivos militares ao cumprimento das missões. Essa forma indireta é exercida por meio de militares nos cargos de estado-maior, os assessores, predominantemente em brigadas, divisões, comandos militares de área e órgãos da alta administração do Exército Brasileiro. (BRASIL, 2011, p. 6-4).

Para Estados Unidos (2015, p. 1-9), um comandante de um Grande Comando, devido à amplitude de suas atribuições, deve estar disposto a ceder o controle das frações da tropa a líderes intermediários no processo de liderança. Quando isto não ocorre, Valente (2007, p. 27) afirma que o comandante assume o risco de estabelecer um relacionamento frio e impessoal com problemas de comunicação e pode provocar hostilidade. É importante, no entanto, que seja levada em conta a especificidade de cada líder intermediário e de cada situação.

O líder militar deve, ainda, estabelecer boas relações com seus subordinados e demonstrar preocupação com as condições dos mesmos. Este tipo de relacionamento é mais favorável à liderança.

Kahn e Katz (1972) verificaram que os líderes voltados para os subordinados enfatizavam as relações pessoais, demonstravam interesse genuíno pelas necessidades dos subordinados e conviviam com as diferenças no interior do grupo com maior naturalidade (Kahn e Katz, 1972 e Robbins, 2005). A natureza do vínculo afetivo estabelecido entre esses líderes e seus subordinados reforçava o sentimento de equipe e os laços de lealdade e autoridade. (VALENTE, 2007, p. 24).

Assim, uma das preocupações de um comandante, para se alçar à posição de líder militar, deve ser a sua interação com seus subordinados. Brasil (2011, p. 2-5) afirma que a interação entre líder e liderados é o que confere a direção para um grupo alcançar um objetivo.

3.4 A SITUAÇÃO

Para Brasil (2011, p. 2-2), “a situação é criada pelo somatório de elementos de origens interna e externa que venham a exercer influência sobre o grupo (líder e

liderados) (...)”. As influências do ambiente em que está inserido o efetivo militar sobre o mesmo é a questão a ser levada em conta.

Ao longo da história, demonstrou-se que o ambiente de conflito influencia na vontade de combater dos militares.

O cenário de guerra configura uma situação na qual o poder militar e as pessoas que integram as forças militares estão sob constante pressão, sofrendo penúrias de todos os tipos e cumprindo ordens que, muitas vezes, colocam suas próprias vidas em risco. A História Militar apresenta diversos exemplos em que tal cumprimento de ordens não ocorreu automaticamente, apesar da organização hierarquizada e da disciplina das forças militares. (BRASIL, 2011, p. 6-11).

No combate, o comandante que levar sua tropa à vitória, com a sensação de que imprimiu a menor quantidade de danos possível, pode intensificar sua liderança sobre seus subordinados. Um mau resultado, no entanto, pode inflétir diretamente sobre a liderança do mesmo, pois a confiança e outros vínculos afetivos podem ser quebrados. Para Meindl (1993) apud Valente (2007, p. 34), a responsabilidade pelo sucesso ou pelo insucesso é atribuída ao líder, de modo que os liderados dirigem a este a gratidão e o reconhecimento ou a inveja e o rancor.

Além disso, o comportamento do líder é um fator de grande influência sobre os liderados em momentos de crise, principalmente para aquele que possui comandantes intermediários, como é o caso dos Grandes Comandos.

Esteja atento às reações pessoais em tempos de crise. Facilmente lembrado, o comportamento do líder envia uma forte mensagem sobre crenças e valores. Antes de expor suas observações, os líderes devem reunir seus pensamentos e se perguntar o que eles querem que líderes menos experientes aprendam com esta reação a uma crise. O que os subordinados devem fazer quando enfrentarem uma situação semelhante? (ESTADOS UNIDOS, 2015, p. 3-4)

Assim, nas situações com risco de vida, como foi o caso da Guerra do Paraguai, a imagem do líder, a confiança que inspira e sua empatia crescem em importância para que seus comandados prossigam buscando atingir o objetivo proposto. Dentre os fatores motivadores propostos por Brasil (2011, p. 6-2), destacam-se a crença do subordinado de que seu comandante tem a capacidade de tomar a melhor decisão e a vontade de ser solidário com o mesmo.

4. PRINCIPAIS PROBLEMAS DE LIDERANÇA MILITAR IDENTIFICADOS NA 1ª FASE

Neste capítulo, serão apresentados alguns problemas de liderança militar enfrentados pelas durante a 1ª fase da Guerra do Paraguai.

Em relação ao líder, será levado em conta o comandante geral das tropas aliadas naquele momento e seus aspectos relativos à liderança militar. Os comandantes intermediários, por sua vez, serão tratados como liderados.

4.1 FATOR LÍDER

Ao assinar o Tratado da Tríplice Aliança, segundo Doratioto (2002, p. 157), ficou definido que Bartolomeu Mitre (figura 2), Presidente da Argentina, seria o comandante geral das tropas enquanto combatessem em território argentino ou paraguaio.

Figura 2- Bartolomeu Mitre



Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural De Arte E Cultura Brasileiras. Acesso em: 17 maio 2020

Mitre, por ser argentino, enfrentava algumas desconfiças em relação a seus objetivos em uma tropa que, em certo momento, tornou-se de maioria brasileira. O próprio Caxias escreveu: “o espírito do general D. Bartolomeu Mitre atuou pensamento oculto e maléfico com referência ao Império e à presente guerra, e que

nossa boa-fé e sinceridade estavam bem longe de serem por ele compreendidas.” (FRAGOSO, 2012, p. 311).

Como comandante geral dos aliados, Mitre poderia dirimir as diferenças com seus subordinados por meio da comunicação interpessoal. No entanto, sua língua materna era o espanhol e não o português, o que, possivelmente, gerava limitações à sua capacidade de expressão perante a tropa brasileira.

Infere-se, assim, que as características de Mitre geravam divergências com seus subordinados.

4.2 FATOR LIDERADOS

A organização de um grande contingente para a Tríplice Aliança, no início da guerra, não foi fácil para seus integrantes, principalmente Brasil e Argentina (GOLDONI, 2015, p. 57). Diversos problemas surgiram neste processo, inclusive no recrutamento.

Segundo Doratioto (2002, p. 161), as forças da Tríplice Aliança eram compostas por tropas brasileiras, argentinas e uruguaias, além da Esquadra Imperial. Ao final da 1ª Fase, a maioria do efetivo terrestre era do Exército Imperial.

A ordem em que se *achavão* estes acampados [em Tuiuti] era a seguinte – *exercito* argentino na extrema direita, forte de 10,000 homens – centro – *exercito* oriental 2,000 homens e brasileiro, – esquerda – *exercito* brasileiro, que além disto formava segunda linha á retaguarda, apresentando ao todo quando muito 28,000 combatentes. (MADUREIRA, 1870, p. 35)

4.2.1 Problemas identificados nas tropas brasileiras

As tropas brasileiras que combateram na Guerra do Paraguai eram compostas pelos “Batalhões de Linha”, como eram chamados os efetivos regulares do exército, pelos Voluntários da Pátria, alistados voluntariamente, e pela Guarda Nacional, de alistamento obrigatório.

Durante a mobilização brasileira, houve dificuldade no recrutamento. Segundo Doratioto (2002, p. 111), o serviço militar era visto por muitos como um castigo, pois as condições de vida nos quartéis eram ruins, havia punições corporais, o soldo era baixo, a tropa recebia somente uma refeição diária e o armamento era antiquado. Tal fato desmotivava o alistamento voluntário em diversas províncias, levando à obrigatoriedade.

A Guarda Nacional foi uma opção utilizada no período. Doratioto (2002, p.113) versa que, durante toda a Guerra do Paraguai, foram alistados, inicialmente, cerca de 10.000 Voluntários da Pátria e a Guarda Nacional contou com 43.522 homens alistados obrigatoriamente entre os cidadãos, dos quais 29.210 combateram. O mesmo autor afirma, ainda, que, em boa parte do país, houve grande dificuldade em fazer com que os alistados cumprissem o seu dever. Isto demonstra que uma significativa parte da tropa brasileira se apresentava ao combate contra a sua vontade, o que se constituía em um desafio às lideranças para que a mesma tivesse ganas de vencer a guerra.

Muitos dos alistados pela Guarda Nacional enviaram para a guerra substitutos, principalmente escravos. Em 1865, podia-se encontrar, inclusive, anúncios de senhores que ofereciam, mediante pagamento, o serviço de seus cativos aos recrutados que desejassem a substituição.

Quem precisa de uma pessoa para marchar para o Sul em seu lugar e quiser libertar um escravo robusto, de vinte anos, que deseja incorporar-se ao Exército, declare por este jornal seu nome e morada onde possa ser procurado, [sic] e por preço cômodo achará quem lhe substitua nos contingentes destinados à guerra. (DIÁRIO DA BAHIA, 1865, apud LIMA, 2016, p. 253).

Segundo Doratioto (2002, p. 367), os escravos libertos não se identificavam com a causa, visto que o próprio Império era quem permitiu que lhes privassem a liberdade. Assim, havia uma grande dificuldade em se estabelecer os vínculos necessários para que estes se dedicassem, sob risco de vida, à consecução dos objetivos estatais.

Os Voluntários da Pátria, por sua vez, foram os brasileiros alistados voluntariamente, após campanha do governo. “O governo imperial, utilizando sabiamente nosso ardor patriótico, chamou os brasileiros às armas [...] e deu aos voluntários o nome hoje glorioso de *voluntários da pátria*” (CERQUEIRA, 1980, p. 46).

Para Doratioto (2002, p.117), no entanto, boa parte dos voluntários foi atraída pelas compensações financeiras do governo, com vistas à melhora de suas condições de vida, e não esperava uma guerra longa. Goldoni (2015, p.57) afirma que nem os governantes e nem as populações esperavam que o conflito se estendesse por muito tempo. Logo, pode-se concluir que as tropas não desejavam o prolongamento do embate.

Além disso, o efetivo brasileiro, no geral, tinha pouco treinamento. Segundo Doratioto (2002, p. 112), “voluntários e recrutados eram submetidos a uma instrução militar precária, que não lhes dava condições de entrar em combate contra um exército organizado”. Verifica-se, assim, que não havia profissionalismo nesta tropa.

À exceção dos poucos corpos que haviam invadido o Estado Oriental, [o exército] era constituído de soldados bisonhos dos batalhões de linha que viviam nas províncias, dando guardas e destacamentos pelo sertão e fazendo diligências policiais; e de paisanos recentemente alistados Voluntários da Pátria, que não tinham tido ainda tempo de passar a prontos do exercício de recrutas. (CERQUEIRA, 1980, p.63)

As dificuldades enfrentadas pelo comando para levar seus subordinados ao combate foram latentes, devido à desmotivação e à falta de treinamento, como ocorrido durante a fracassada defesa do Rio Grande do Sul:

[...] os soldados brasileiros entraram em combate no dia 10 de junho e foram socorridos pelo Coronel João Manuel Mena Barreto, com 850 homens que compunham seu 1º Batalhão de Voluntários da Pátria, que estava acampado a uns dez quilômetros. Enquanto isso, os habitantes da vila [São Borja], apavorados, buscavam fugir de qualquer modo, a maior parte descalços e sem direção; famílias se separaram e mães perderam filhos. Inferiorizada em homens e armas, as forças brasileiras começaram a fugir no primeiro contato com o inimigo, o que obrigou Mena Barreto a dar tiros para o ar e censurar asperamente seus soldados que, desse modo, se recompuseram, voltaram ao combate e, em seguida, recuaram para dentro da vila, para se defenderem melhor. Os brasileiros se retiraram de São Borja durante a noite [...]. (DORATIOTO, 2002, p. 172).

Outro obstáculo identificado foi a origem do soldado brasileiro. Cerqueira (1980, p. 65) versa que os recrutas oriundos do norte não eram habituados ao frio do inverno, que foi intenso em 1865, e que boa parte destes baixava aos hospitais. Tal problema diminuía o efetivo pronto para combater.

Em 1865, a maior parte dos soldados brasileiros que foi para o teatro da guerra vinha das províncias do Norte e do Nordeste do Império. Essa tropa sofreu com a mudança rápida de temperatura, de um ambiente quente para o frio intenso que caracteriza o inverno no Rio da Prata. (DORATIOTO, 2002, p. 117).

Verifica-se, assim, que a tropa brasileira era, em grande parte, formada por soldados mal instruídos e não voluntários. Muitos dos voluntários, por sua vez, esperavam uma guerra com pouca duração, o que não ocorreu. Estas condições apresentavam dificuldades aos comandantes para que fossem reconhecidos como líderes na condução de suas frações em combate, pois muitos dos subordinados não desejavam combater.

4.2.2 Problemas identificados nas tropas argentinas

Do lado portenho, por sua vez, os aliados se organizavam para expulsar os invasores do norte da Argentina. Goldoni (2015, p. 61) afirma que as tropas argentinas também eram compostas por batalhões de linha, voluntários e Guarda Nacional, estes obrigados a se alistarem.

No entanto, assim como no Brasil, diversos problemas surgiram no recrutamento. “Em maio de 1865, o governo declarou guerra ao Paraguai e ordenou às províncias que recrutassem contingentes para serem enviados ao teatro da guerra. O recrutamento encontrou forte resistência em diversas localidades” (GOLDONI, 2015, p. 60).

Um dos principais problemas encontrados foi no recrutamento no norte do país. Naquela região, ocorria a deserção de grande parte dos convocados das tropas de Urquiza, caudilho proeminente da região, pois estes tinham grande identificação com os paraguaios (LIMA, 2016, p. 201). Tal fato teve consequências, inclusive, na defesa do Rio Grande do Sul.

Com a deserção da cavalaria de Urquiza em Basualdo, no início de julho, tornou-se ainda mais importante a permanência da força de Osório em Concórdia, a ponto de o governo argentino solicitar que fosse reforçada, assim como a tropa brasileira no Rio Grande do Sul. (DORATIOTO, 2002, p. 177).

Conforme Lima (2016, p.201), após diversas tentativas, Urquiza passou 751 remanescentes ao comando de Mitre e não participou da sequência do conflito, senão no fornecimento de recursos.

Além disso, mesmo os que prosseguiram para o combate não esperavam um conflito com longa duração.

Assim como ocorreu no Brasil, no início do conflito, nutriu-se na Argentina a ideia de que se trataria de um confronto rápido. O ministro de relações exteriores Rufino de Elizalde acreditava que, graças à aliança firmada entre o Brasil e a Argentina, a guerra duraria de três a quatro meses. Juízo este compartilhado pelo próprio Mitre, que em carta de maio de 1865, enviada a Urquiza, afirmou a crença de que uma única batalha seria suficiente para retirar os paraguaios do território argentino. (GOLDONI, 2015, p.60)

Verifica-se, assim, que significativa parte dos efetivos argentinos era formada por não voluntários, que não desejavam o combate. Em relação aos argentinos do norte recrutados, não houve a motivação para que buscassem atingir os objetivos propostos por seu governo. Outra característica era a crença em uma guerra rápida por parte dos soldados, o que não ocorreu.

4.2.3 Problemas identificados nos principais comandantes intermediários

Durante a defesa do Rio Grande do Sul, conforme Doratioto (2002, p. 171), as principais tropas empregadas foram a 1ª Divisão, sob o comando do General David Canabarro, e a 2ª Divisão, comandada pelo Coronel Francisco Pedro de Abreu, o Barão de Jacuí, que, segundo o planejamento inicial, deveriam cooperar entre si. Ambos estavam subordinados ao General João Caldwell.

Doratioto (2002, p. 181) afirma, ainda, que o Barão de Jacuí era um desafeto de Canabarro e, assim, a cooperação não ocorreu do modo esperado. Outra característica do comandante da 1ª Divisão era que o mesmo se identificava com a linha política dos liberais “históricos” e o Ministro da Guerra, Ângelo Moniz da Silva Ferraz, era um conservador (DORATIOTO, 2002, p. 179). Caldwell foi indicado por Ferraz.

Em relação à Tríplice Aliança, Doratioto (2002, p. 157) afirma que, além dos efetivos argentinos, comandados por Bartolomeu Mitre, o comandante geral, as tropas terrestres aliadas eram comandadas pelo General Manuel Luís Osório, comandante dos brasileiros, e pelo General Venâncio Flores, comandante uruguaio.

Osório foi, no entanto, designado para organizar a composição do 3º Corpo Imperial no Brasil e se retirou, temporariamente, da frente de combate. Assim, no fim da 1ª fase, as tropas brasileiras componentes da frente de batalha eram o 1º Corpo de Exército Imperial, sob o comando do General Polidoro Jordão, e o 2º Corpo de Exército Imperial, sob o comando de Manuel Marques de Sousa, o Barão de Porto Alegre, todos sob a coordenação de Mitre (DORATIOTO, 2002, p. 238).

Em contraste com Osório, Polidoro era inexperiente em combate e visto com antipatia pela tropa, devido à sua intolerância. O rigor "feroz" do novo comandante era tão intenso que muitos oficiais abandonaram o teatro de operações. Com Polidoro no comando, o 1º Corpo descambou para significativo desânimo, aprofundando o abatimento e o desgosto que já lavravam pela tropa. (DORATIOTO, 2002, p. 234).

Ressalta-se, ainda, que havia a Marinha, sob o comando de Joaquim Marques Lisboa, o Almirante Tamandaré, que não estava por direito sob a direção de Mitre, mas era um componente das tropas aliadas. Esta, por servir de apoio aos efetivos terrestres, será aqui considerada como um comando intermediário.

Doratioto (2002, p. 247) afirma que Tamandaré e Porto Alegre pertenciam ao Partido Liberal e Polidoro ao Partido Conservador. Tais linhas políticas eram opostas

no Brasil e isto gerou repercussões no campo de batalha. O próprio Mitre afirmou, em carta a Rufino de Elizalde, que havia divergências entre estes comandantes.

O marechal Polidoro é velho (64 anos), está doente e me parece fatigado, sobretudo da hostilidade que lhe dirigem Porto Alegre e Tamandaré, que são primos, e primos até na falta de juízo e fizeram um pacto de família para monopolizar, de fato, o comando da guerra, tomando o primeiro o mando de todo o Exército de terra para subordiná-lo às operações da Esquadra. Tenho razões para crer que se Polidoro pede demissão ou fica doente, tem instruções para passar o comando dos dois Exércitos a Porto Alegre. (MITRE apud DORATIOTO, 2002, p. 247).

Verifica-se, assim, que, ao fim da 1ª fase, havia desconfianças entre comandantes intermediários, principalmente brasileiros ligados a partidos opostos. Além disso, ficou exposto que alguns comandantes das tropas imperiais não gozavam da confiança de Mitre e vice-versa, dificultando a ocorrência da liderança militar indireta do comandante geral das tropas da Tríplice Aliança.

4.3 FATOR INTERAÇÃO ENTRE LÍDER E LIDERADOS

Esse fator será abordado, neste trabalho, tendo como referência a interação entre o comandante geral das tropas da Tríplice Aliança, Bartolomeu Mitre, e seus comandados.

4.3.1 Problemas de interação com subordinados diretos

Foram identificados, na 1ª fase, alguns problemas relativos à interação entre o comandante geral e seus comandados.

Ao fim da 1ª fase, verificou-se que alguns dos generais brasileiros desconfiavam das intenções de Mitre devido à sua nacionalidade e ao fato de este ser o Presidente da Argentina. Conforme Lima (2016, p. 261), alguns oficiais das tropas imperiais acreditavam que as ordens do argentino visavam a “neutralizar a potencial ameaça” do Brasil, caso houvesse um futuro conflito entre seus países, e, assim, muitas vezes não as cumpriam.

Embora, até então, somente o próprio Tamandaré pudesse sofrer a acusação de falta de iniciativa, ele chegou a solicitar que se lhe confiasse a direção da guerra e se ordenasse que o Exército imperial invadisse o Paraguai. Tamandaré, tal qual outros homens públicos brasileiros, não confiava no aliado argentino e tinha como elemento adicional de antipatia o fato de Mitre ter lutado na guerra entre o Império e Buenos Aires, entre 1825 e 1828. (DORATIOTO, 2002, p. 202).

Bartolomeu Mitre encontrava dificuldades no relacionamento com esses comandantes. Segundo Doratioto (2002, p. 238), o argentino estava muito irritado com a resistência que Tamandaré e Porto Alegre tinham aos seus comandos. Nesta situação, ocorreu a Batalha de Curupaiti, onde as perdas pelos aliados foram significativas. Para Donato (2001, apud Fagundes, 2019, p. 57), nesta ocasião, houve descoordenação entre a esquadra e o efetivo terrestre.

Os atacantes de Curupaiti não receberam reforço das forças dos generais Polidoro e Flores. Este tinha ordens de fazer um movimento de flanco, diversionista, com sua cavalaria de cerca de 3 mil homens, mas se afastou tanto das trincheiras paraguaias que não chegou a ter contato com o inimigo. Polidoro recebera ordens de Mitre para fazer, simultaneamente à operação principal contra a fortaleza, um reconhecimento “o mais vigoroso possível”, não só para distrair o inimigo, mas para, oportunamente, transformá-lo em ataque formal. Esse general brasileiro, porém, permaneceu inerte e, mais tarde, justificou sua inação afirmando que a esquadra, mais precisamente a embarcação Iguaçú, não içara, conforme o combinado, o sinal de ataque, uma bandeira vermelha com a cruz branca ao centro. (DORATIOTO 2002, p. 246)

Constata-se, assim, que não havia a confiança necessária entre o comandante geral das tropas da Tríplice Aliança e parte de seus subordinados diretos brasileiros.

Nas páginas anteriores demonstrou-se que as rivalidades entre os chefes militares brasileiros e Mitre tiveram como origem sobretudo a postura dos primeiros. Tamandaré e José Ignacio se pautaram pelo imobilismo, ao interpretarem nas ordens de Mitre o objetivo de colocar a esquadra em posição vulnerável, para ser destruída; o general Porto Alegre sempre resistiu às diretivas do comandante-em-chefe. (DORATIOTO, 2002, p. 319).

Dessa forma, verifica-se que Mitre não exercia a liderança militar direta sobre alguns dos comandantes brasileiros.

4.3.2 Problemas de interação com subordinados indiretos

Pelo fato de as tropas da Tríplice Aliança se tratarem de um grande efetivo, composto por dezenas de milhares de militares de diferentes nacionalidades e cultura, a relação com os subordinados indiretos era de grande importância para a condução dos aliados à vitória. No entanto, muitos problemas de interação com os mesmos ocorreram na 1ª Fase da Guerra do Paraguai.

Primeiramente, verificou-se que Bartolomeu Mitre mantinha pouco contato direto com seus subordinados indiretos das tropas aliadas. Segundo Moraes (2003, p.125), o argentino era mais afeto às atividades burocráticas, quase nunca montava a cavalo e poucas vezes passou em revista às tropas. Assim, não buscava exercer uma liderança direta sobre os mesmos.

Além disso, muitas das principais necessidades básicas dos comandados não eram atendidas. Foram identificadas falhas referentes ao respeito à dignidade humana, à disponibilidade de condições básicas de higiene e à falta de suprimentos essenciais.

Naquele período, os castigos corporais eram regulamentares. A natureza das punições aplicadas aos soldados, no período, era motivo de divergências entre os militares, pois, muitas vezes, ocorriam abusos e extrapolação dos regulamentos por parte dos superiores.

“O castigo não parou! O querido general exorbitava! Cada um daqueles milheiros de homens que presenciavam o lutuoso espetáculo, sabia que ninguém podia castigar com mais de cinquenta pancadas de espada de prancha e que a lei estava sendo violada, mas não ousava dizê-lo ao camarada, que lhe sentia o toque do cotovelo.” (CERQUEIRA, 1980, p. 92).

As más condições da tropa também foram umas das causas de desmotivação, descontentamento e de baixas de militares. Dentre estes, muitos eram oficiais.

Conforme Raposo Filho (1959, p.25), a logística do período anterior à chegada de Caxias era falha e estava em desordem. Tal problema influenciava diretamente no relacionamento entre o comandante e seus subordinados, pois restringia o atendimento a necessidades básicas da tropa.

Assim, verificou-se que houve, durante esse período da guerra, descaso com os abrigos da tropa, mesmo em uma região de clima frio, problema que foi maximizado pelo fato de muitos dos soldados serem oriundos de regiões quentes como o norte e nordeste brasileiro. “Outro problema sério, decorrente do aumento de efetivos, era a falta de uniformes, capotes e barracas; essa precariedade causava descontentamento, levando a oficialidade a pedir frequentes licenças ou simular invalidez” (DORATIOTO, 2002, p. 120).

Os recrutas recém-chegados do norte do Brasil, não habituados aos rigores do inverno, excepcionalmente frio no ano de 1865, baixavam aos hospitais em grande número; e as fileiras rarefaziam-se rapidamente. (...) A disenteria, flagelo dos exércitos em campanha, grassava intensamente e fazia inúmeras vítimas. (CERQUEIRA, 1980, p.65).

As condições dos hospitais e das enfermarias também deixavam a desejar. Segundo Lima (2016, p. 226), o Capitão Benjamin Constant reclamava de tal situação em suas cartas e afirmou que, muitas vezes, os soldados feridos passavam um ou dois dias sem comer.

Impressionou-me mal o cheiro nauseabundo que exalava aquele estabelecimento sanitário improvisado. Haviám-no colocado num *saladeiro*, onde se abatía grande número de reses e preparava-se charque. Não sei

por que, sempre tivemos predileção pelos lugares insalubres para quartéis e hospitais. (CERQUEIRA, 1980, p. 58).

Benjamin Constant e Dionísio Cerqueira participaram diretamente da Guerra do Paraguai. As afirmações destes são, assim, testemunhos.

Outra questão importante na relação com os subordinados era a postura de alguns comandantes intermediários. Além dos já citados oficiais que simulavam problemas de saúde, dando um mau-exemplo, outros demonstravam desinteresse em seus subordinados. Cerqueira (1980, p. 55) versa sobre a situação de um sargento muito estimado pela tropa que foi ameaçado por seu capitão com rebaixamento de posto e com castigo físico por razões insignificantes e não houve intervenção dos escalões superiores. Outros casos de desprezo foram testemunhados por este autor.

Aquele oficial superior do exército não ligava importância alguma ao ato de abnegação que eu estava praticando. Entre meus colegas, meus professores e amigos de minha família, eu era considerado, estimado e trato de igual para igual. Ali, no quartel general, onde ia depor as minhas oferendas no altar da pátria, diziam a um cabo brutal e analfabeto, apontado desdenhosamente para mim: Leva este homem. (CERQUEIRA, 1980, p. 48).

Infere-se, assim, que os principais problemas de interação com os subordinados indiretos identificados na 1ª fase da Guerra do Paraguai eram referentes às más condições sanitárias, de alimentação e de abrigos oferecidos aos comandados e ao mau comportamento de alguns comandantes intermediários. Estes fatos demonstravam que não havia um interesse genuíno em atender às necessidades da tropa.

Esses problemas têm relação direta com os problemas de liderança militar identificados nos comandantes intermediários. Não havia um comando único brasileiro que pudesse coordenar a logística, tanto em relação a suprimentos, como em relação às necessidades sanitárias. Além disso, alguns oficiais brasileiros não confiavam em Mitre, não havendo a convergência de esforços entre os mesmos.

A partir dos conceitos estudados, verifica-se que a interação do comandante, Bartolomeu Mitre, com seus comandados ficava prejudicada no sentido de estabelecer vínculos afetivos entre ambos. Isto demonstra que não havia condições favoráveis à ocorrência da liderança militar indireta do argentino.

4.4 FATOR SITUAÇÃO

A situação geral deste estudo é a Guerra do Paraguai. No contexto deste conflito, diversas situações específicas ocorreram devido a derrotas, vitórias ou outros acontecimentos.

Após as invasões paraguaias aos territórios de Brasil e Argentina e um relativo sucesso no avanço até a fronteira com o território do Paraguai, as dificuldades aumentaram. Ao fim da 1ª fase da guerra, dois fatos se destacavam no ambiente de modo a causar desconforto entre os militares da Tríplice Aliança: a imobilidade dos aliados e a derrota em Curupaiti.

Ao escrever a Rufino de Elizalde, Mitre manifestou sinceramente seu ponto de vista de que a guerra tinha que entrar “em uma espécie de pausa”, e expôs um conjunto de elementos para justificar essa posição. Assim, faltavam meios de mobilidade para as tropas aliadas, os quais praticamente inexistiam para os brasileiros. A cavalaria aliada era insuficiente para dominar uma larga extensão do território paraguaio, havia dificuldade de se efetuar movimentos prolongados no flanco terrestre paraguaio, e também era difícil às tropas aliadas afastarem-se de sua base de operações, pois não tinham como se reabastecer de viveres e munições, visto que a cavalaria não tinha força suficiente para garantir as linhas de abastecimento. (DORATIOTO, 2002, p. 227).

As más condições dos cavalos, para Cerqueira (1980, p. 164), era causada pela alimentação baseada, somente, no pasto à disposição no terreno e que, quando este era escasso, faltava aos animais. Como já citado anteriormente, havia um sério problema na logística das tropas brasileiras e na de seus aliados.

Os animais, vivendo do que lhes davam os raspados campos alagados, enfraqueciam a olhos vistos e iam ficando pelo caminho. Quando invadimos o Paraguai, a maior parte dos nossos corpos de cavalaria estava a pé, e dos poucos montados, a cavalhada deixava muito a desejar. (...) A falta de forragem à nossa cavalaria talvez tivesse sido a causa eficiente de não ter terminado a guerra em 24 de maio de 1866. (CERQUEIRA 1980, p. 105)

Os problemas logísticos na 1ª fase da Guerra do Paraguai contribuíam para uma situação desfavorável aos efetivos brasileiros. Ressalta-se, no entanto, que não havia um comando único que pudesse coordenar, junto ao Império, a assistência necessária aos seus soldados.

Além disso, durante a espera, havia frequentes ataques de inquietação por parte das tropas de Solano López. Doratioto (2002, p. 201) afirma que os paraguaios atravessavam o Rio Paraná em canoas, sob as vistas dos aliados, e atacavam os acampamentos inimigos, retornando com algum “troféu” para o seu território. Esta

situação causava certa ansiedade nas tropas da Tríplice Aliança, que viam diversos dos seus sucumbirem durante a espera, sem entenderem o motivo da mesma.

As notícias dessas escaramuças chegavam muito exageradas ao nosso acampamento. Nós as comentávamos com o espírito revoltado, perguntando o que faziam os navios da esquadra, que permitiam a flotilhas de canoas tripuladas por duzentos e trezentos homens atravessar a remo o largo do Paraná, um dos maiores rios do mundo, para atacarem as guardas avançadas do exército aliado? Perguntávamos também porque o nosso general-chefe não ordenara que a divisão do General Hornos, que vigiava a margem do rio, castigasse essas audácias? Se ela não era suficiente, que mandasse mais gente. É um escândalo, diziam os mais exaltados. (CERQUEIRA, 1980, p. 109).

A imobilidade das tropas da Tríplice Aliança era um fator de desagregação entre os comandantes. “A cautela de Mitre conflitava com as disposições dos comandantes das forças brasileiras, que propunham maior rapidez no avanço, pois entendiam que a lentidão era ruim para o moral dos soldados” (FARIA, 2015, apud FAGUNDES, 2019, p. 54). Doratioto (2002, p.202) afirma que Tamandaré, o comandante da marinha aliada, acusava Mitre de ser o responsável pela demora na invasão do Paraguai. Mas, enquanto estes buscavam atribuir ao outro a responsabilidade por este momento de insucesso, os subordinados culpavam aos seus superiores pelo problema.

André Rebouças, tenente engenheiro do 1º Corpo de Exército imperial, estava cansado de “aturar inércia”, conforme comentou com Francisco Octaviano de Almeida Rosa, que, em meados de março de 1866, chegou a Corrientes. O diplomata respondeu: “É verdade, já fatigam; e o Tamandaré que ainda hoje não subiu??! Não sei a que atribuir isto; só acho explicação em uma decrepitude precoce”. Conforme Rebouças, não só no Exército, mas na própria esquadra, havia descontentamento pela morosidade com que se travava a guerra: ‘há uma irresolução, uma timidez, um excesso de precauções, que ora faz supor covardia e quase sempre é ridícula’. Mesmo Pedro II mostrava-se “impaciente e desgostoso” com a paralisia da esquadra e do Exército; no Rio de Janeiro se condenava, no geral, Tamandaré por permanecer em Buenos Aires e comentava-se que Osório tinha ‘pouca ou nenhuma harmonia’ com o almirante. (DORATIOTO, 2002, p.200).

Mesmo havendo desarmonia entre os comandantes aliados, o Paraguai foi invadido e a 1ª Batalha de Tuiuti foi vencida pelos aliados. Aquela vitória, no entanto, não extinguiria os problemas de liderança relativos à situação.

Depois da batalha de 24 de maio [1ª Batalha de Tuiuti], o exército aliado ficou inativo. Lançou-se a culpa sobre o general-chefe. Estávamos em Tuiuti e lá ficamos, deixando o inimigo na posição que ocupava e onde, durante mais de um ano, nos deteve. (CERQUEIRA, 1980, p. 163).

Após Tuiuti, ocorreu a Batalha de Curupaiti. Comandadas pelo general Mitre, as tropas da Tríplice Aliança foram derrotadas e retraíram após severas baixas.

As estatísticas oficiais, normalmente citadas por historiadores da Argentina e do Brasil, indicam que no ataque a Curupaiti os brasileiros tiveram 2011 homens fora de combate, dos quais 411 mortos, enquanto os argentinos tiveram 1357 baixas, das quais 587 mortos. O coronel brasileiro Claudio Moreira Bento, porém, ao escrever em 1982, fala em 4 mil soldados imperiais mortos, número repetido por um observador neutro, o representante espanhol em Buenos Aires em 1866. Azevedo Pimentel, participante do combate, diz que foram 2 mil mortos brasileiros e outros 2 mil argentinos. Os paraguaios perderam 54 homens segundo Thompson, que afirma terem as perdas aliadas chegado a 9 mil homens, enquanto para Centurión apenas os mortos aliados seriam de 5 mil. José Maria Rosa e Arturo Bray chegam ao extremo oposto dos números oficiais argentinos e brasileiros, e afirmam que foi de 10 mil o número de atacantes mortos. Os cadáveres aliados foram jogados nas fossas abertas para montar armadilhas contra os atacantes; cheias essas covas, os demais corpos foram jogados no rio Paraguai. Segundo Centurión, apenas um dos batalhões encarregados desse trabalho, o de número 36, enterrou e jogou ao rio mais de 2 mil cadáveres. (DORATIOTO, 2002, p. 245).

Uma das consequências do fracasso, no entanto, seria o baixo moral da tropa. “A derrota na ação de Curupaiti, que custou tantas vidas de seus companheiros, abalou fortemente o moral dos combatentes da Aliança, afetando também o apoio popular à guerra em Buenos Aires e Montevideú” (LIMA 2016, p. 251).

Com o insucesso ocorrido em Curupaiti, alguns comandantes intermediários passaram a responsabilizar o comandante geral pela ação frustrada. Lima (2016, p. 248) afirma que os generais brasileiros culpavam Mitre pela derrota.

A responsabilidade [da derrota em Curupaiti] em nossa *opinião recahe* sempre sobre quem dirige, e este *facto* é que faz reverter toda a *gloria* de uma *acção* sobre o general que a *commandou*. Em compensação, em caso de *revez*, sobre *elle recahe* também toda a desvantagem e impopularidade de uma derrota. (MADUREIRA, 1870, p.54).

Raposo Filho (1959, p.25) afirma que essa desarmonia entre os chefes militares também tinha reflexos negativos sobre o moral dos quadros e da tropa, que já se encontrava baixa devido às más condições e à ociosidade.

O desastre aliado em Curupaiti teve grandes repercussões. No plano militar tornou ostensiva a divisão do comando aliado: de um lado, Tamandaré e Porto Alegre, ambos pertencentes ao Partido Liberal no Brasil, hostilizando Mitre e, de outro, Polidoro, membro do Partido Conservador, e Flores, solidários com o comandante-em-chefe. (DORATIOTO, 2002, p. 246).

Observa-se, assim, que a estagnação da ofensiva aliada e o insucesso ocorrido em Curupaiti dificultavam a ocorrência da liderança de Bartolomeu Mitre sobre as tropas aliadas, pois influenciavam negativamente no moral de seus subordinados. Além disso, o ambiente negativo daquele momento foi uma das causas de desconfianças de Porto Alegre e Tamandaré em relação ao comandante geral, a quem culpavam pelos problemas ocorridos.

5. A ATUAÇÃO DE CAXIAS NA GUERRA DO PARAGUAI, SOB O ENFOQUE DOS FATORES DE LIDERANÇA MILITAR

Com a finalidade de encerrar as discórdias entre os generais brasileiros, como afirma Lima (2016, p. 260), Luís Alves de Lima e Silva (figura 3) foi designado em 10 de outubro e assumiu o comando das tropas terrestres do Brasil em 18 de novembro de 1866, iniciando a 2ª fase do conflito.

Todos sabem que em novembro de 1866 *assumio* o *marquez* de Caxias, hoje duque, o *commando* das forças *imperiales*, e que retirando-se logo após do campo o presidente Mitre, foi *aquelle* general revestido do *commando* em chefe dos exércitos da aliança, e que imediatamente *pôz* em *prática* o seu plano de operações. (MADUREIRA, 1870, p. 34).

Caxias assumiu, ainda, o comando geral das tropas da Tríplice Aliança em fevereiro de 1867, devido à saída de Mitre, de modo interino, mas que se efetivou posteriormente.

Muitas foram as medidas tomadas por Caxias, durante seu comando, que destacaram sua liderança militar.

5.1 FATOR LÍDER

Luís Alves de Lima e Silva, segundo Brasil (2020, p. 1), teve seu batismo de fogo na Guerra da Independência, na Bahia, em 1823; participou da Campanha da Cisplatina, em 1825; e pacificou revoltas internas, como a Balaiada (1837), as Liberais (1842) e a Farroupilha (1835-45). Estas últimas deram origem à sua alcunha de “O Pacificador”. Brasil (2020, p.1) versa que o mesmo ainda comandou as tropas brasileiras contra Oribe e Rosas (1851-52) no Uruguai e na Argentina.

Em 1851, é novamente nomeado comandante-em-chefe do Exército Brasileiro e presidente da província do Rio Grande do Sul, com o fim de combater o caudilho uruguaio Manuel Oribe, que sistematicamente invadia a fronteira gaúcha praticando atrocidades, e no dia 4 de setembro de 1851, as forças brasileiras invadiram o Uruguai. Posteriormente, com o apoio do novo governo do Uruguai e do general argentino Urquiza, combateu o ditador da Argentina Juan Manuel de Rosas. Em 12 de fevereiro de 1852, as tropas comandadas por Caxias entram vitoriosamente em Buenos Aires, sendo entusiasticamente recebidos pela população portenha, na única vez que tropas estrangeiras entraram na capital do país do Prata, e em seu retorno ao Brasil é agraciado com o título de marquês. (RIBEIRO, 2013, p. 1).

Assim, o Marquês de Caxias, em 1866, já era considerado um herói nacional do Brasil, devido ao seu currículo de muitas batalhas e ao fato de, como afirma Doratioto (2002, p.392), este militar jamais ter perdido uma campanha. Costa (1974, apud Fagundes, 2019, p. 52) afirma que “a ninguém se podia confiar tanta autoridade, a não ser a Caxias, por ser o militar brasileiro mais importante, tanto com respeito à patente, como pelo prestígio de que gozava”. Conforme Doratioto (2002, p. 117), Luís Alves de Lima e Silva era o general mais graduado do Brasil.

Verifica-se, assim, que o histórico de Caxias gerava admiração e confiança em seus conhecimentos militares por parte de seus subordinados e do governo, pois tinha reconhecido conhecimento técnico-militar. Para Cerqueira (1980, p. 241), o Marquês de Caxias despertava o respeito e uma “veneração sem limites” em seus subordinados.

Figura 3 – Luís Alves de Lima e Silva



Fonte: Portal da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. Acesso em: 20 julho 2020

O próprio presidente argentino aprovava e almejava a nomeação do Marquês. “[...] Caxias era o meu candidato para o comando e o era no modo e forma em que foi nomeado: assim disse ao marechal Polidoro, que é grande amigo de Caxias, e talvez tenha escrito isso ao Rio de Janeiro.” (MITRE apud DORATIOTO, 2002, p. 279).

Segundo Brasil (2020, p.1), Luís Alves de Lima e Silva, ao assumir o comando das tropas brasileiras no Paraguai, já tinha alcançado a idade de 63 anos. Naquela época, as condições físicas de um sexagenário eram piores do que nos dias atuais. Caxias já era considerado um homem de idade avançada. Moraes (2003, p.151) destaca que o próprio marechal se considerava um “velho”. Tal fato demonstra grande altruísmo e sentimento de cumprimento de dever de Caxias, transmitindo valores importantes aos seus subordinados.

Ademais, o Marquês apresentava outras características reconhecidamente importantes para um líder militar. “Durante sua longa e brilhante carreira militar, demonstrou Caxias possuir em alta dose uma coragem física e moral, que estimulava os gestos mais desprendidos da bravura e do sacrifício voluntários” (RAPOSO FILHO, 1959, p. 21).

Raposo Filho (1959, p.24) destaca, também, que Luís Alves de Lima e Silva ainda tinha como características marcantes a disciplina e a lealdade. Ambas são identificadas no fenômeno da liderança militar. Moraes (2003, p. 147) afirma que Caxias era disciplinado e disciplinador.

Infere-se, assim, que o histórico e as características de Caxias eram favoráveis para que este exercesse a liderança militar sobre as tropas aliadas.

5.2 FATOR LIDERADOS

“A partir de fins de 1866, coube, sobretudo, ao Brasil continuar a luta do lado aliado, com participação menor de efetivos argentinos e simbólica presença de tropas uruguaias” (SCHWARCZ, 1998, apud FAGUNDES, 2019, p. 57).

Mitre retirou-se do Paraguai em fevereiro de 1867, acompanhado de 4 mil de seus soldados, e Caxias assumiu, provisoriamente, o comando-em-chefe aliado. Restaram no Paraguai cerca de 6 mil argentinos de modo que o poderio militar aliado dependia, fundamentalmente, das forças brasileiras. (DORATIOTO, 2002, p. 280).

Lima (2016, p. 251) afirma que os uruguaios haviam permanecido no conflito com pouco mais de seiscentos militares. Goldoni (2015, p. 65), por sua vez, versa que, devido às revoltas internas na Argentina, muitos contingentes do Exército de Linha argentino foram deslocados para conter a desordem. Conforme Doratioto (2002, p. 297), os brasileiros, na retomada das operações, em julho de 1867, eram

cerca de 50.526. Logo, as tropas aliadas contavam, naquele momento com uma maioria brasileira, o que favorecia a identificação com Caxias.

“Calcula-se que o Brasil levou à guerra em torno de 139 mil homens [...]. A origem dos efetivos em terra era de 54.992 Voluntários da Pátria, 59.669 membros da Guarda Nacional e 8.489 recrutados e escravos libertos. As forças da Marinha somavam 15.850 homens.” (LIMA, 2016, p. 254).

Em relação aos escravos brasileiros que lutavam na guerra, o governo passou a concedê-los a liberdade, por meio do Decreto nº 3.725-A, de 6 de novembro de 1866. Tal fato atendia às aspirações de liberdade dos mesmos e gerava motivação para que convergissem esforços para o cumprimento dos objetivos estatais do Brasil.

“Em novembro de 1867, o Império alterou essa prática [substituição de alistados por escravos] e decidiu conceder alforria para os negros que se apresentassem voluntariamente. [...] Dom Pedro II deu o exemplo, libertando todos os escravos das fazendas imperiais para lutar na guerra.” (LIMA, 2016, p. 254).

Quanto ao treinamento da tropa, o comandante brasileiro passou a exigir a instrução contínua enquanto estivessem ociosos. “O batalhão aproveitara o tempo no Chaco para se instruir; e nenhum, em todo o exército, lhe levava vantagem na disciplina e na bravura. Quando fazia marchas longas, dava gosto vê-lo” (CERQUEIRA, 1980, p. 217).

A necessidade de instrução dos efetivos aliados, inclusive, foi um dos motivos para que Caxias estacionasse sua tropa antes de tentar uma ação mais decisiva sobre Humaitá. “Primeiro que tudo, era preciso refazer conscienciosamente o Exército, discipliná-lo, adestrá-lo, antes de lançá-lo ao fogo do combate” (MORAES, 2003, p. 115).

Foi dado grande *relêvo* à instrução dos quadros e da tropa, principalmente no que dizia a instrução de combate e serviço em campanha, destacando-se neste particular o judicioso aproveitamento do terreno e o *emprêgo* da pá e da picareta na Organização do Terreno. (RAPOSO FILHO, 1959, p. 34).

5.2.1 As tropas argentinas

Segundo Doratioto (2002, p. 280), após a saída de Mitre, em fevereiro de 1867, restaram no Paraguai cerca de 6.000 argentinos, sob o comando do General Gelly y Obes.

Em *principio* de Fevereiro de 1867 a revolução das províncias *occidentales* da *republica* argentina obrigava o general Mitre á retirar-se temporariamente do *theatro* da guerra, levando consigo um corpo de *exercito* de 4,000 homens, ás ordens do general Paunero. (MADUREIRA, 1870, p. 56).

Os argentinos foram substituídos por mais tropas imperiais. Desta forma, durante o comando de Caxias, as tropas aliadas eram compostas, em sua grande maioria, por brasileiros.

5.2.2 Os comandantes intermediários

Após Curupaiti, o comandante Venâncio Flores, como afirma Lima (2016, p. 251), se retirou do Paraguai e deixou um pequeno efetivo uruguaio. Além disso, ao assumir o comando-geral das tropas aliadas, em fevereiro de 1867, Caxias teve como subordinado, o General Gelly y Obes à frente do efetivo argentino.

Como já citado anteriormente, um dos motivos para a nomeação de Caxias era a descoordenação entre os comandantes brasileiros: Tamandaré, Porto Alegre e Polidoro. Como afirma Doratioto (2002, p. 279), a marinha aliada, sob a indicação do Marquês, foi passada ao comando de Joaquim José Ignacio, o Visconde de Inhaúma, em 22 de dezembro de 1866.

Caxias chegou a Itapiru na noite de 17 de novembro de 1866. Tamandaré fora a seu encontro, no dia anterior, em Corrientes, por pensar, conforme seu secretário Arthur Silveira da Motta, que seria mantido à frente da esquadra. Nessa ocasião, Tamandaré colocou-se sob o comando de Caxias e ouviu, como resposta, que o novo comandante da força naval brasileira já estava escolhido e seria o vice-almirante Joaquim José Ignacio, Visconde de Inhaúma. Tamandaré resistiu a retirar-se do Paraguai, e foi necessário o governo imperial enviar-lhe instruções enérgicas para que se demitisse. (DORATIOTO, 2002, p. 253).

O fato de Tamandaré ter ido se colocar à disposição de Caxias, mesmo não estando sob o seu comando de direito, demonstra o respeito que emanava o Marquês sobre os comandantes brasileiros. Tal característica é de grande importância para a liderança militar.

Posteriormente, Polidoro e Porto Alegre também viriam a ser substituídos.

Viu-se o Marquês de Caxias, quando tomou posse do comando em Chefe das nossas forças, organizar o Exército em três grandes frações, que não eram iguais entre si, porque não é conveniente que os Corpos de Exército sejam todos de igual força. Conseqüente pois o seu sistema de organização, sistema fundado na experiência e em uma longa prática. Ele não quis alterar a organização primitiva do Exército quando marchou de Surubihy. Foi em virtude dessa resolução que conservou no comando de sua direita (3º corpo), ao Visconde de Herval; no seu centro (1º corpo), ao general Bittencourt; no de sua esquerda (2º corpo), ao marechal Argolo; incorporou naqueles corpos os recrutas das últimas levas que não tinham tomado parte nas operações da campanha; pôs o comandante de sua esquerda no caso de poder tomar a ofensiva, se por ventura o inimigo o fosse atacar na margem direita do Paraguai; organizou em Surubihy e Palmas uma reserva respeitável (de 8 mil homens) sob o comando do general Gelly y Obes; finalmente guarneceu com forças suficientes os

pontos da margem esquerda que o Exército havia conquistado, e tirou dos arsenais do Cerrito e de Humaitá o material necessário para as operações que projetava. Ele chegou a levar assim as suas forças ao número de 28 mil homens; mas não pôde reunir mais de 4 a 5 mil cavalos. (CAXIAS, 1877, p.87).

Destaca-se que Caxias contou com Osório como seu subordinado direto, que recrutou mais brasileiros a pedido de Caxias. “Em 18 de outubro de 1866, o governo decidiu mobilizar o 3º Corpo de Exército no Rio Grande do Sul, nomeando o bravo general Osório como comandante” (BARROS, 2019, p. 45).

Osório conseguiu montar o 3º Corpo com 5.451 homens — e não os 6 mil planejados de início —, cuja primeira cavalaria chegou em frente ao Passo da Pátria em 13 de julho de 1867. Nos dias seguintes, entre 17 e 19, toda a força de Osório chegara e fora transferida para o território paraguaio. De maio de 1866 a maio de 1867, foram enviados, do Rio de Janeiro para o teatro da guerra, outros 14.139 homens que, somados ao 3º Corpo, significaram um reforço para Caxias de cerca de 20 mil soldados, boa parte civis engajados, sem experiência militar. (DORATIOTO, 2002, p. 288).

“No combate [Tuiuti], Osório conquistou, conforme relato do coronel Conesa, ‘a maior glória desta jornada e o apreço de todo nosso Exército [argentino]’” (DORATIOTO, 2002, p. 213). O Visconde do Herval criou, portanto, vínculos afetivos com a tropa em geral, inclusive com os aliados, e representava um importante intermediário para a liderança militar de Caxias sobre os efetivos da Tríplice Aliança.

O segundo em comando, general Osório (visconde de Herval), o general Argolo e muitos dos "excelentes chefes em quem deposito ampla confiança", escrevia o marquês, estavam feridos e, por sua atuação, "posso de um instante para outro estar morto ou gravemente ferido". Em decorrência dessa situação, reiterava ele o pedido de que fosse enviado ao Paraguai o general Guilherme Xavier de Souza, que se encontrava no Rio Grande do Sul, para ficar como segundo em comando, e acrescentou não desejar receber nenhum oficial do Rio de Janeiro sem experiência para o posto. (DORATIOTO, 2002, p. 368).

Além disso, a fim de resolver o problema de atendimento médico precário, o Marquês nomeou, conforme Lima (2016, p. 260), o médico Francisco Pinheiro Guimarães para supervisionar o serviço, melhorando as unidades de saúde. Buscou, novamente, um importante comandante intermediário para solucionar problemas existentes.

Constata-se, assim, que Caxias utilizou seu prestígio para escolher e nomear comandantes intermediários - muitos reconhecidos como líderes militares- de sua confiança e que aceitavam sua liderança direta. Mesmo a sucessão destes era supervisionada pelo Marquês, facilitando o exercício, ainda, de sua liderança militar indireta sobre a tropa aliada.

5.3 FATOR INTERAÇÃO ENTRE LÍDER E LIDERADOS

Esse fator será abordado tendo como referência a interação entre o Marechal Luís Alves de Lima e Silva, como comandante das tropas imperiais e, posteriormente, de todo o efetivo aliado, e seus subordinados.

5.3.1 A interação com os subordinados diretos

Caxias, assim que assumiu o comando, passou a tratar de seus subordinados diretos para dirimir os problemas ocorridos entre Tamandaré, Porto Alegre e Polidoro, posteriormente substituídos. “No dia 18 de novembro, chegou Caxias a Tuiuti. A partir de então, realizou as ligações necessárias com os comandantes em todos os níveis, dirimindo as intrigas e resgatando a indispensável união de esforços tão necessária em uma guerra” (BARROS, 2019, p. 45).

Tal comportamento já era esperado, pois um dos principais motivos da nomeação de Luís Alves de Lima e Silva para o cargo de comandante das tropas imperiais no Paraguai era a sua capacidade de liderar os demais comandantes brasileiros. Em 1868, o presidente do Conselho de Ministros, Zacarias de Góis de Vasconcelos, ressaltou a importância da liderança militar de Caxias sobre estes generais.

O nobre Marquês de Caxias teve o grande mérito de sopiar todas as intrigas; foi um grande serviço que prestou ao país. Depois do desastre de Curupaiti, o exército e a armada estavam em más circunstâncias, não pelo desastre em si, que era nada na guerra, mas porque os chefes achavam-se em desarmonia, havendo as intrigas estado sufocadas até que aquele desastre revelou a discórdia que entre eles reinava, caso em que o governo considerou rigorosamente indispensável a ida do nobre Marquês de Caxias. (VASCONCELOS apud BARROS, 2019, p. 44).

Segundo Doratioto (2002, p. 278 e 279), a esquadra imperial não estava, de direito, sob o comando do Marquês de Caxias. O mesmo autor afirma, ainda, que quando este tratou da exoneração de Tamandaré, substituindo-o por Joaquim Inácio, o Visconde de Inhaúma, a Marinha encontrou-se, de fato, sob suas ordens. Luís Alves de Lima e Silva passou a estender, então, sua liderança direta sobre o comando da Marinha.

Como já explorado, Caxias já era um herói nacional, de grande prestígio político e militar. Este marechal emanava respeito sobre os generais brasileiros e as

divergências existentes entre liberais e conservadores não guiariam mais as ações das tropas imperiais, mas, sim, as ordens de seu comandante.

A ascensão de Caxias ao posto de generalíssimo foi um dos acontecimentos mais felizes da guerra contra López, pois ocasionou benefícios extraordinários às operações; suprimiu rivalidades e permitiu que a atividade infatigável e o tino militar desse general ilustre se desenvolvessem com absoluta independência em proveito da causa comum. (FRAGOSO, 2011, p. 374).

A causa comum supracitada, não era nada além da vitória das tropas aliadas sobre os paraguaios.

Caxias, então, deu atenção especial à escolha de comandantes intermediários. Tal fato evidenciou a sua preocupação com o exercício da liderança militar indireta, pois, para tal, precisaria de oficiais de confiança. Assim sendo, substituiu, também, os comandantes do 1º e do 2º Corpos de Exército no decorrer do conflito, nomeando o general Bittencourt e o marechal Argolo, respectivamente. Fez gerências para contar, também, com Osório como comandante do 3º Corpo de Exército. “Caxias procedia sensatamente apelando para a colaboração franca e decisiva do general Osório, cuja volta ao seio das tropas combatentes serviria para animá-las a novas empresas e para lhes levantar o moral” (FRAGOSO, 2011, p. 188).

Infere-se, assim, que Caxias suprimiu as rivalidades entre seus subordinados diretos, chegando, inclusive, a substituí-los para o melhor exercício da liderança militar direta e indireta. Isto foi essencial para a coordenação dos efetivos aliados e a convergência de esforços, permitindo o emprego das forças aliadas de forma sincronizada e plena.

5.3.2 A interação com os subordinados indiretos

Caxias, inicialmente, assumiu o comando de todas as tropas brasileiras. Algumas atitudes que vinham sendo tomada pelos oficiais, em relação à tropa, desagradaram ao Marquês:

Além da desmotivação, após tantos meses de guerra, o ambiente nos acampamentos aliados era de um afrouxamento que não condizia com o rigor da caserna com o qual Caxias se identificava. Os generais provavelmente tentavam compensar as terríveis condições pelas quais as tropas precisavam passar com uma leniência em relação a comportamentos fora do padrão militar. Bebia-se muito, havia a circulação de prostitutas pelas barracas e passava-se por longos períodos de inatividade. (LIMA, 2016, p. 259).

O Marquês passou a reorganizar o efetivo brasileiro. Dentre as medidas tomadas, destaca-se a atenção dada às condições sanitárias da tropa, que enfrentava uma epidemia de cólera. Substituiu, ainda, diversos oficiais que considerava incapazes. Passou, assim, a demonstrar que havia preocupação com seus subordinados e a exonerar os comandantes intermediários que não apresentavam atitude adequada, tratando de dirimir os problemas de liderança indireta daquela tropa. “[Caxias] Melhorou a qualidade do corpo de oficiais, inclusive mandando de volta ao Brasil os que não considerava capazes, e intensificou o treinamento dos soldados que haviam permanecido na ativa” (LIMA, 2016, p. 260).

Além de disciplinar a tropa brasileira no Paraguai, também era necessário oferecer-lhe melhores condições de higiene, reduzindo a mortandade decorrente de doenças. Somente com a chegada de Caxias cuidou-se seriamente da hospitalização, de ambulâncias, do vestuário apropriado, da higiene na alimentação e no asseio no acampamento. (DORATIOTO, 2002, p. 282).

Buscou-se, de imediato, evitar a internação dos militares que simulavam doenças. Este fato está diretamente relacionado à característica de disciplinador de Caxias, o que favorecia a sensação de justiça entre os soldados que se dedicavam aos combates.

A força brasileira que Caxias encontrou estava desfalcada pelos combates e doenças em um terço do efetivo que contava ao transpor o rio Paraná, apesar dos reforços de recrutas que recebera nesse período. Para cuidar de tantos soldados doentes, havia onze hospitais brasileiros na região: dois no Uruguai, dois em Buenos Aires (esses quatro foram unificados por Caxias em um só, em Montevidéu), três em Corrientes, um em Cerrito, um em Itapiru, outro no Passo da Pátria, e um em Tuiuti. Caxias ficou impressionado com o número de militares enfermos e nomeou, para inspecionar aqueles internados nos hospitais no teatro de guerra e em Corrientes, uma comissão de saúde chefiada pelo Dr. Francisco Pinheiro Guimarães, médico e coronel dos Voluntários da Pátria. O objetivo era o de retirar dos hospitais oficiais e soldados já curados e que neles permaneciam com a cumplicidade dos médicos. Em quinze dias, 2 mil falsos doentes aptos para o serviço militar, foram despachados para o acampamento em Tuiuti. Em janeiro de 1867, a força brasileira no Paraguai era de 51.107 homens. (DORATIOTO, 2002, p. 280).

As medidas tomadas por Caxias, inclusive após assumir o comando geral dos aliados, tiveram resultados reconhecidamente positivos.

Prestigiado pelo soberano e admirado pela maior parte dos soldados, o comandante, um tanto aliviado das pressões, levou em frente sua filosofia de trabalho, menos suscetível ao julgamento que lhe faziam no Brasil. Em apoio ao seu esforço, o imperador enviou-lhe gradualmente novos efetivos, que totalizaram 14 mil voluntários e um crédito de 91 mil patações (cerca de 80 milhões de reais em 2016), para adquirir víveres, munições, remédios, barracas e até novos uniformes. O aumento no padrão de conforto foi reforçado por medidas para aprimorar a higiene geral das tropas, a fim de conter as epidemias. Em consequência, ao final de maio de 1867, o surto de

cólera no acampamento da Aliança estava praticamente debelado, depois de causar 4 mil óbitos somente entre os brasileiros. (LIMA, 2016, p. 265).

Como afirmado pelo autor, sob o comando de Caxias, o número de mortes por doenças, em especial pela epidemia de cólera, foi diminuído. A preocupação com o bem-estar de seus subordinados era latente, demonstrando empatia, assim como a questão disciplinar.

Finalmente, o moral da tropa mereceu carinho especial do Comando-Chefe, visando a elevá-lo e melhorar o estado disciplinar, que era desolador. Instalaram-se, nesse sentido, teatros, casas de diversões, levantou-se uma igreja e até organizada foi uma Chefia de Polícia ao comando de um Tenente-Coronel. (RAPOSO FILHO, 1959, p. 34).

Caxias exerceu, assim, a liderança militar sobre seus subordinados dos diversos níveis hierárquicos. Tal afirmação pode ser comprovada por sua marcante intervenção na Batalha de Itororó, onde, ao perceber que seus comandados recuavam, decidiu guiá-los pessoalmente no ataque.

Passou pela nossa frente animado, ereto no cavalo, o boné de capa branca com tapanuca, de pala levantada e preso ao queixo, pela jugular, a espada curva desembainhada, empunhada com vigor, e presa pelo fiador de ouro, o velho general-chefe, que parecia ter recuperado a energia e o fogo dos vinte anos. Estava realmente belo. Perfilamo-nos como uma centelha elétrica tivesse passado por todos nós. Apertávamos o punho das espadas, e ouvia-se num murmúrio de bravos ao grande marechal. O batalhão mexia-se agitado e atraído pela nobre figura que a baixou a espada em ligeira saudação aos seus soldados. O comandante deu a voz de firme. Dali a pouco, o maior dos nossos generais arrojava-se impávido sobre a ponte, acompanhado dos batalhões galvanizados pela irradiação da sua glória. Houve quem visse moribundos, quando ele passou, erguerem-se brandindo espadas ou carabinas para caírem mortos adiante. A carga foi irresistível e o inimigo completamente feito em pedaços. As bandas tocaram o hino nacional, cujas notas sugestivas se mesclaram com a alvorada alegre, repetida pelos corneteiros que ainda viviam. (CERQUEIRA, 1980, p. 272 e 273).

“Caxias, ao passar pela tropa que resistia a combater, deu voz de ‘firme’ e se arrojou sobre aquela posição, e exclamou, de espada desembainhada, ‘sigam-me os que forem brasileiros’” (DORATIOTO, 2002, p. 366). Segundo Whingham (2012, p. 252), este foi um ato calculado pelo Marechal. Tal fato comprova a liderança que o Marquês exercia sobre seus comandados, que o seguiram, mesmo sob risco de vida.

Após quatro horas de combate, em um novo ataque comandado pelo general Bittencourt, os batalhões brasileiros começaram a retroceder em desordem. Nesse momento, Caxias desceu a colina de onde comandava a luta, desembainhou a espada e "gritando 'vivas' ao Imperador e ao Brasil" lançou-se sobre a ponte, e nesse ato seu cavalo foi morto pelas balas, assim como vários homens que o acompanhavam. A tropa, "entusiasmada por esse ato de heróica intrepidez", passou a ponte e bateu os defensores paraguaios, que praticamente estavam sem munição e combatiam com

baionetas. Se Caxias tivesse sido atingido ao cruzar aponte, tal qual ocorreu com outros oficiais, quase certamente a tropa teria debandado, fugido em desordem, o que teria consequências imprevisíveis no desenrolar da guerra. (DORATIOTO, 2002, p. 366).

Constata-se, assim, que havia uma preocupação genuína do comandante Caxias com todos os níveis hierárquicos de sua tropa. A atenção dispensada à disciplina de todos, inclusive oficiais - importantes para a liderança indireta -, a melhora das condições básicas de seus subordinados e o conseqüente fim da epidemia de cólera representaram grandes avanços na interação entre o Marquês e seus comandados.

Tais fatos, então, foram favoráveis à liderança militar indireta de Caxias. A liderança militar sobre seus subordinados indiretos ficou comprovada por sua eficaz intervenção na Batalha de Itororó.

5.4 FATOR SITUAÇÃO

O insucesso de Curupaiti marcou profundamente as tropas aliadas. Era preciso reverter a situação militar e, ao mesmo tempo, elevar o moral da tropa.

Assim, após assumir o comando geral das tropas aliadas, Caxias não avançou de imediato. O objetivo da pausa era a reorganização das tropas da Tríplice Aliança para que, após isso, atacassem em melhores condições.

Do lado aliado, explicam a imobilidade naquele período a retirada dos soldados argentinos, a epidemia de cólera, o fato de Caxias ter que receber e treinar grande número de novos soldados, parte deles escravos libertos, recém-incorporados à tropa, e, ainda, recompor o quadro de oficiais. (DORATIOTO, 2002, p. 287).

Caxias ainda resolveu recompor a cavalaria brasileira, essencial para os combates que estavam por vir. “A verdade é que escasseava o principal elemento de perseguição - a cavalaria que estava a pé, na maior parte: só tivemos boa cavalaria depois de chegar ao exército o Marquês de Caxias” (CERQUEIRA, 1980, p. 164).

Conforme Doratioto (2002, p. 281), foram repostos os animais perdidos e toda a cavalaria passou a ser alimentada com alfafa e milho, pois a vegetação da região era imprópria. Resolveu-se, assim, a situação delicada em que se encontrava a cavalaria.

As tropas aliadas, no entanto, continuavam estagnadas. Diferentemente do período anterior, Barros (2019, p. 45) afirma que Caxias não esqueceu da segurança

e providenciou para que navios de pequeno calado patrulhassem o Rio Paraná para inibir os paraguaios.

Caxias não se olvidou, nesse período, de manter o ânimo combativo da tropa. Junto com os melhoramentos realizados, ordenou algumas ações militares sobre os paraguaios.

Para soerguer o ânimo das tropas, ordenou um bombardeamento geral em toda a linha e nos navios da Esquadra, afirmando assim aos seus próprios comandados e às forças inimigas, pela voz eloquente de mais de cem canhões, em fogo vivo e aturado, a sua firme intenção de lutar até as últimas. (MORAES, 2003, p. 117).

O Marquês aguardou o fim da epidemia de cólera e a chegada do 3º Corpo de Exército, de Osório, para, finalmente, em 22 de julho de 1867, iniciar a manobra sobre o sistema defensivo paraguaio em Humaitá (DORATIOTO, 2002, p. 295). Foram cerca de 10 meses de estagnação.

Nessa região, estava Curupaiti, palco do insucesso anterior.

(...) descobriu-se que os paraguaios, na extrema esquerda das trincheiras de Rojas e Humaitá, estavam defendidos por uma linha contínua de fortificações. Estas formavam um grande campo entrincheirado que, em referência à sua forma geométrica, veio a ser chamado de quadrilátero e cujos pontos salientes eram Curupaiti, Sauce, Angulo e Humaitá. (DORATIOTO, 2002, p. 297).

Em 31 de julho de 1867, Mitre retornou à frente de batalha e reassumiu o comando (DORATIOTO, 2002, p. 298). Tal fato traria, novamente, um impasse às tropas aliadas.

(...) era intenção do general argentino [Mitre] que a Esquadra atuasse, mesmo isolada, subindo o rio PARAGUAI, pensamento contrário ao do nosso general [Caxias], que aceitou a proposta de JOAQUIM INÁCIO, no sentido de uma atuação mais prudente, em consonância com as Forças Terrestres. (RAPOSO FILHO, 1959, p. 42).

Caxias e Inhaúma desconfiavam das intenções do presidente argentino. Não havia a confiança necessária entre ambos e o comandante dos efetivos terrestres aliados. “Para o vice-almirante, essa ação poderia resultar no aniquilamento da esquadra ao mesmo tempo que Buenos Aires armava a ilha de Martin Garcia, no estuário do Prata, chave para o acesso aos rios interiores platinos” (DORATIOTO, 2002, p. 301). “Também Caxias desconfiava da insistência do presidente argentino para que a esquadra forçasse a passagem de Humaitá. Estava convencido de que Mitre “tem pensamento oculto e maléfico contra o Império” (DORATIOTO, 2002, p. 302).

Como a marinha não estava subordinada a Mitre, enquanto este esteve no comando aliado, a mesma não realizou tal manobra. No entanto, com ascensão definitiva de Caxias ao comando das forças aliadas, a esquadra forçou a passagem por Humaitá.

Com o regresso definitivo de Mitre à Argentina, a 13 de janeiro de 1868, Caxias assume o Comando Supremo e vai imprimir um sentido realmente extraordinário às operações. Assim é que, ao amanhecer de 19 de fevereiro, a Esquadra forçou e venceu as defesas de Humaitá e do Timbó, chegando a Tayí, aí se ligando às Forças Terrestres no mesmo dia que Caxias conquistava Estabelecimento. (RAPOSO FILHO, 1959, p. 43).

“Nos meses seguintes [à saída de Mitre], foi possível realizar totalmente o plano que Mitre defendera desde o início da campanha para sitiar Humaitá e viabilizar a marcha sobre a capital inimiga” (DORATIOTO, 2002, p.318). Observa-se que, enfim, houve a coordenação entre a esquadra e as forças terrestres. Assim, Humaitá foi conquistada em 25 de julho de 1868.

A velocidade do combate mudou com a ultrapassagem de Humaitá, pois Caxias logrou colocar as tropas aliadas em contato com o grosso das tropas paraguaias, gastando trinta e seis dias para deslocar-se de Humaitá até Palmas, cerca de 200km. (BARROS, 2019, p. 46).

Após Humaitá, destacou-se a Manobra do Piquissiri (figura 4) que permitiu a série de batalhas conhecida como Dezembrada, ocorrida em dezembro de 1868.

A chamada manobra de Piquissiri, desenvolvida por Caxias, é considerada a mais ousada e criativa de todo o conflito em termos de estratégia. Graças a essa tática, as tropas aliadas puderam desfechar uma série de ataques vitoriosos contra posições paraguaias, que ficaram conhecidos como Dezembrada e selaram o destino de Solano López. (LIMA, 2016, p.302).

Segundo Doratioto (2002, p. 360), a Dezembrada teve como principais batalhas as de Itororó, Avaí e Lomas Valentinas.

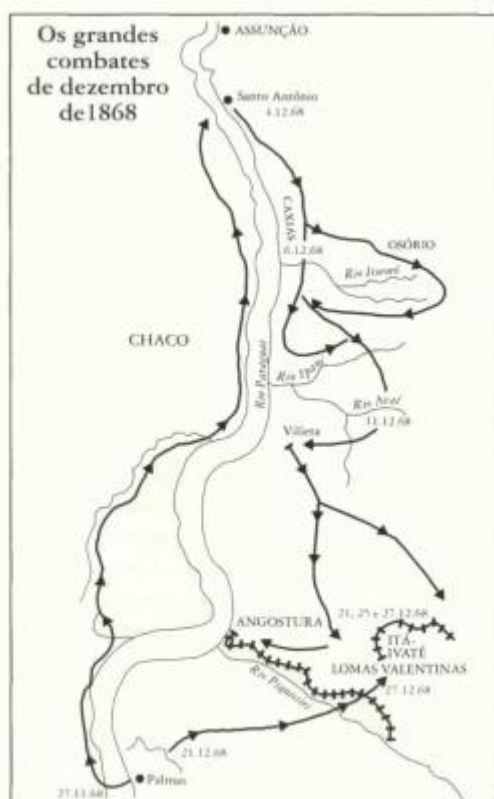
Os combates ocorridos no mês de dezembro de 1868 revestem-se de extrema importância para o desfecho da guerra, fato comprovado pela ordem do dia número 272, de 14 de janeiro de 1869, assinada pelo Duque de Caxias, que após narrar sinteticamente os acontecimentos daquele mês conclui: “A guerra chegou a seu termo, e o Exército e a esquadra brasileira podem ufanar-se de haver combatido pela mais justa e santa de todas as causas”. (FAGUNDES, 2019, p. 18).

Conforme Doratioto (2002, p. 309), essas manobras economizaram vidas aliadas e destruíram o poder militar paraguaio. Assim, as decisões de Caxias, neste período, iam ao encontro a duas grandes aspirações de seus subordinados: sobrevivência e a proximidade do fim da guerra.

“Estava encerrado o sangrento e vitorioso mês de dezembro de 1868, que, apesar de neutralizar e eliminar qualquer possibilidade de vitória do Paraguai na Guerra da Tríplice Aliança, não pôs um ponto final na já longa guerra que se arrastava desde dezembro de 1864, data das primeiras

invasões paraguaias em território brasileiro. Tal esperado ponto final só seria colocado na História no dia 1º de março de 1870, em Cerro Corá(...)" (FAGUNDES, 2019, p. 109).

Figura 4- Croqui da Manobra do Piquissiri e da Dezembrada



Fonte: Doratioto, 2002, p. 369

Lima (2016, p. 310), por sua vez, afirma que, após devastar o exército paraguaio, Caxias acreditava que a guerra tivesse terminado e, em 1º de janeiro de 1869, os contingentes aliados marcharam sobre Assunção, tomando-a. A situação, então, sob o comando do Marquês, era considerada exitosa.

Os números levantados deixam claro o impacto que a Dezembrada teve sobre as fileiras paraguaias: foram retirados de combate entre Iteoró e Lomas Valentinas, de 6 a 27 de dezembro, quase 20 mil combatentes paraguaios, entre mortos e feridos, de um exército que envidava seus últimos esforços de resistência. (FAGUNDES, 2019, p. 113).

Após a tomada de Assunção, Caxias se retirou do Paraguai, devido aos problemas de saúde que enfrentava, e foi formado um governo provisório paraguaio sob a ocupação dos aliados (Lima, 2016, p. 314). Chegou ao fim, então, a 2ª fase da Guerra do Paraguai.

Após isto, conforme Doratioto (2002, p. 309), a guerra se prolongou, somente, devido à perseguição a Solano López. “Dom Pedro II, porém, rejeitou a proposta e persistiu na posição de que só a derrota de Solano López, com sua prisão e

expulsão do Paraguai, garantiria, verdadeiramente, a paz futura” (DORATIOTO, 2002, p. 478).

Infere-se que, sob o comando de Caxias, o êxito em Humaitá e o aumento do ritmo da ofensiva, que se transformou em vitórias, conferiram uma situação favorável à liderança militar. Segundo os conceitos estudados, o sucesso, geralmente, é atribuído ao comandante e se torna um meio de obtenção da liderança.

6. RELAÇÕES ENTRE A LIDERANÇA MILITAR DE CAXIAS E OS PRINCIPAIS RESULTADOS ALCANÇADOS PELAS TROPAS DA TRÍPLICE ALIANÇA

Na 1ª fase da Guerra do Paraguai, verificou-se que as divergências entre o comandante geral dos efetivos terrestres, Mitre, o comandante do 2º Corpo de Exército do Brasil, Porto Alegre, e o comandante da marinha aliada, Tamandaré, estavam causando efeitos negativos nas operações. Na derrota em Curupaiti, por exemplo, verificou-se que houve descoordenação entre as esquadra e as tropas em terra.

Ao assumir as tropas brasileiras, Caxias encontrou um exército aliado estagnado frente ao sistema defensivo de Humaitá e com o moral abalado. A logística era precária e, por consequência, deixava a tropa em más condições sanitárias e de combate.

Caxias foi escolhido para comandar devido ao seu perfil, o fator líder, de modo que pudesse dirimir as divergências entre os comandantes brasileiros. O prestígio do Marquês e o fato de ser compatriota dos mesmos foram favoráveis para tal.

Pelo fato de as tropas da Tríplice Aliança se tratarem de um grande efetivo, composto por dezenas de milhares de militares de diferentes nacionalidades e cultura, a ocorrência da liderança indireta era de grande importância para a condução dos aliados à vitória. A liderança sobre os comandantes intermediários, assim, era essencial.

Um dos mecanismos utilizados por Caxias para a ocorrência da liderança militar sobre os generais, foi agir sobre o fator liderados. Seu prestígio no Brasil permitiu que o mesmo pudesse escolher subordinados diretos, elegendo militares de sua confiança e sobre os quais exercia liderança. Um exemplo importante foi a nomeação de Inhaúma para a marinha aliada, que se colocou a comando do Marquês, devido ao reconhecimento de sua liderança militar, mesmo não estando, de direito, subordinado ao mesmo.

Outra questão importante no fator liderados foi que, ao assumir o comando das tropas aliadas, a maioria do efetivo subordinado a Caxias era de brasileiros. Tal fato era favorável ao exercício da liderança por ser um compatriota destes.

Caxias, ainda, mudou a interação com seus subordinados indiretos. O Marquês melhorou as condições da tropa, ao reorganizar a logística, demonstrando preocupação genuína com os seus comandados e empatia.

Houve, ainda, uma atenção especial do Marquês à situação vivida por seus subordinados. Caso o insucesso de Curupaiti se repetisse, Caxias poderia ter o mesmo destino de Mitre e ser responsabilizado pela derrota. Assim, antes de retomar a ofensiva, o marechal brasileiro tratou de reorganizar os efetivos aliados para que se alcançassem a vitória e se criasse um ambiente favorável ao exercício da liderança militar.

Um dos motivos do fracasso em Curupaiti foi a descoordenação entre a marinha e o exército. A ordem para que a marinha forçasse a passagem pelas defesas paraguaias, ainda, já havia sido emanada por Mitre. No entanto, tanto Tamandaré quanto Inhaúma, desconfiavam das intenções do argentino e não a acataram.

Somente sob o comando do Marquês, a marinha forçou a passagem pela fortaleza. Desta forma, a liderança militar de Caxias foi muito importante na tomada da Fortaleza de Humaitá.

Diferentemente da 1ª fase, houve coordenação entre a marinha e o exército na tomada de Humaitá. Dessa forma, ficou evidenciado que os aliados se submeteram ao comando único de Caxias. Tal fato ocorreu, principalmente, devido à liderança militar do Marquês sobre Inhaúma e os demais comandantes intermediários.

Após Humaitá, o avanço aliado rumo a Assunção ganhou velocidade, criando uma situação favorável à liderança militar. A manobra do Piquissiri foi um dos principais acontecimentos do período.

A manobra do Piquissiri foi considerada ousada e criativa. Mas, mesmo assim, as tropas da Tríplice Aliança a executaram. Esta ação foi desenvolvida por Caxias e permitiu uma série de vitórias conhecidas como Dezembrada. A liderança do Marquês ficou novamente evidenciada pela confiança de seus subordinados em executar algo diferente e arriscado, mas que ao final, demonstrou ter economizado vidas aliadas.

Por fim, durante a Dezembrada, é possível destacar os acontecimentos da Batalha de Itororó. Neste combate, Caxias percebeu que suas tropas retraíam, mesmo havendo condições favoráveis à vitória. Assim, interveio diretamente, cavalgando entre seus subordinados e em direção ao inimigo. Os seus comandados o seguiram e, só assim, os aliados obtiveram sucesso, evidenciando, novamente, a importância da liderança militar do comandante geral. Esta vitória permitiu que se

mantivesse a impulsão da ofensiva para que, em 1º de janeiro de 1869, se invadisse a capital paraguaia, Assunção.

Observa-se, assim, que a liderança militar de Caxias foi essencial para o sucesso obtido desde a tomada de Humaitá até a ocupação de Assunção.

7. CONCLUSÃO

Em relação aos 4 fatores da liderança militar citados no manual C 20-10, do Exército Brasileiro, verifica-se que o fator líder, desde o início da 2ª fase, era favorável à liderança de Caxias. O fator liderados tornou-se favorável a partir do aumento do efetivo brasileiro em substituição a tropas argentinas e uruguaias e da escolha de comandantes intermediários pelo Marquês. O fator interação foi utilizado por este marechal de forma positiva ao melhorar as condições de seus subordinados. Tudo isso possibilitou que se alcançassem vitórias que fizeram com que o fator situação também estimulasse a liderança de Luís Alves de Lima e Silva.

Ademais, após ficarem estagnados frente ao sistema defensivo em torno da Fortaleza de Humaitá por quase dois anos, os aliados a tomaram devido à liderança de Caxias, que reorganizou as tropas e permitiu a ação coordenada entre a marinha e o exército. Após esta vitória, o avanço aliado ocorreu com mais velocidade e, durante os 5 meses posteriores, as tropas da Tríplice Aliança obtiveram uma série de vitórias, com destaque para a Manobra do Piquissiri e a intervenção do Marquês em Itororó, que culminaram na ocupação de Assunção.

Após a tomada de Assunção, as forças paraguaias estavam neutralizadas e, com sua capital ocupada, deu-se início à formação de um novo governo no país. Assim, deduz-se que o Paraguai já havia sido derrotado pelos aliados naquela guerra. O que se seguiu, na 3ª fase, foi uma perseguição a Solano López para que este não voltasse ao poder e, assim, fosse garantida a paz futura.

Conclui-se, assim, que a liderança militar de Caxias contribuiu de forma determinante para a vitória das Tropas da Tríplice Aliança na Guerra do Paraguai. Este militar foi nomeado pelo governo brasileiro devido ao fator líder e agiu diretamente sobre os demais fatores, de modo que exercesse liderança militar sobre os efetivos aliados. O Marquês obteve a liderança direta e a indireta, que se mostraram essenciais para a tomada de Humaitá e para a execução da Manobra do Piquissiri e da Dezembrada, que culminaram na tomada de Assunção e neutralizaram o exército paraguaio.

Por fim, vale ressaltar que a atuação de Caxias na Guerra do Paraguai é um exemplo positivo e ainda atual de liderança militar em um Grande Comando. O estudo das ações do Marechal Luís Alves de Lima e Silva ainda é de grande utilidade para apresentar, por meio de exemplos reais de um grande conflito, como o

mesmo solucionou problemas relacionados aos fatores de liderança militar expostos pelo Manual de Liderança Militar (C 20-10) e pela literatura atual sobre o tema.

REFERÊNCIAS

ALVES, Lorena Castro. **Guerra do Paraguai**: resumo, mapa, causas e consequências.. Resumo, Mapa, Causas e Consequências.. Disponível em: <https://escolaeducacao.com.br/guerra-do-paraguai/>. Acesso em: 30 abr. 2020.

BARROS, Átilla Queiroz de. A liderança de Caxias na Guerra da Tríplice Aliança. **Revista do Exército Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 155, n. 1, p. 41-49, 26 set. 2019. Disponível em: Rua Dona Mariana. Acesso em: 15 jun. 2020.

BRASIL. Decreto-lei nº 51.429, de 13 de março de 1962. Instituiu e homologa a escolha de Patronos do Exército, das Armas, dos Serviços e do Magistério Militar. **Diário Oficial da União**, Congresso Nacional, Brasília, DF, 14 mar. 1961. Seção 1, p. 2893.

_____. Exército Brasileiro. Ministério da Defesa. **PATRONO DO EXÉRCITO BRASILEIRO**: biografia resumida do duque de caxias. BIOGRAFIA RESUMIDA DO DUQUE DE CAXIAS. Disponível em: http://www.eb.mil.br/patronos/-/asset_publisher/DJfoSfZcKPxu/content/biografia-resumida-do-duque-de-caxias?inheritRedirect=false. Acesso em: 16 jul. 2020.

_____. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. **Liderança Militar** (C 20-10). 2. ed. Brasília, DF, 2011.

CAXIAS, General Luiz Alvez de Lima e Silva. **Exército em operações na República do Paraguay sob o comando em chefe de todas as forças de S. Ex. o sr marechal-de-exército Luiz Alvez de Lima e Silva**. Rio de Janeiro: Typographia de Francisco Alvez de Souza, 1877.

CERQUEIRA, Dionísio. **Reminiscências da Campanha do Paraguai**: 1865-1870. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980. 341 p.

Departamento de Pesquisa e Pós-graduação. **Manual de Elaboração de Projetos de Pesquisa na ECEME**. Rio de Janeiro: ECEME, 2012.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **Maldita Guerra: nova história da guerra do paraguai**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

ESTADOS UNIDOS. Department of the Army. **Leadership Development** (FM 6-22). Washington, DC, 2015.

FAGUNDES, Gabriel Carlos. **“DEZEMBRADA”**: sesquicentenário da série de combates que deslocou o centro de gravidade da guerra da tríplice aliança, sua importância para o desfecho do conflito e influências para a doutrina do exército brasileiro. 2019. 120 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Militares, Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2019.

FRAGOSO, Augusto Tasso. **História da guerra entre a tríplice aliança e o Paraguai**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2011.

_____. **História da guerra entre a tríplice aliança e o Paraguai.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2012.

GOLDONI, Aline. O recrutamento de tropas na Argentina durante a Guerra do Paraguai - mobilizações iniciais. **Dia-logos**: Revista dos Alunos de Pós-Graduação em História, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 57-70, out. 2015. ISSN 1414-9109. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/dialogos/article/viewFile/23188/16541>. Acesso em: 29 abr. 2020.

G1. **Veja a cronologia da Guerra do Paraguai.** 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/12/veja-cronologia-da-guerra-do-paraguai.html>. Acesso em: 29 abr. 2020.

LIMA, Luiz Octavio de. **A Guerra do Paraguai.** 2. ed. São Paulo: Editora Planeta, 2016. 431 p.

MADUREIRA, A. de Sena. **Guerra do Paraguay**: resposta ao sr. Jorge Thompson-auctor da "Guerra del Paraguay"- e aos anotadores argentinos D. Lewis e A. Estrada. Rio de Janeiro: Typographia do Imperial Instituto Artístico, 1870. 106 p.

MORAES, Eugênio Vilhena de. **O Duque de Ferro**: novos aspectos da figura de Caxias. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2003. 266 p.

PEDROSA, José Fernando Maya. **A Catástrofe dos Erros**: razões e emoções na guerra contra o Paraguai. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2004.

RAPOSO FILHO, Amerino. **Caxias e a nossa doutrina militar.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1959. 68 p. Disponível em: https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/411/1/RaposoFilho_CaxiaseaNossaDourinaMilitar.pdf. Acesso em: 20 maio 2020.

RETRATO do General Bartolomeu Mitre. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra15687/retrato-do-general-bartolomeu-mitre>>. Acesso em: 17 de Mai. 2020. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

RIBEIRO, Antônio Sérgio. **Luís Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias**: patrono do exército. Patrono do Exército. 2013. Portal da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=337433>. Acesso em: 21 jul. 2020.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 10. Ed. São Paulo: Atlas, 2009. 94 p. ISBN: 978-85-224-5260-6.

VALENTE, T. A. **Capacitação de liderança militar**: análise de resultados. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social. Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2007. 237 f.

WHIGHAM, Thomas. **La Guerra de La Triple Alianza.** 1ª ed. Asunción: Prisa Ediciones, 2012.